

mÚLTIPLA

revista de psicologia  crp sp

ano 1 • número 1 • maio | agosto 2001



# Transformação social

A PSICOLOGIA CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E SOLIDÁRIA

ano 1 • número 1 • maio | agosto 2001

**MÚLTIPLA®**

Registro no INPI 823196720

**Múltipla Revista de Psicologia CRP SP** é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

**Diretoria**

Presidente | Lumêna Almeida Castro Furtado  
Vice-presidente | Odair Furtado  
Secretária | Mariângela Aoki  
Tesoureiro | Alexandre Nicolau Luccas

**Conselheiros efetivos**

André Isnard Leonardi, Bronia Liebesny,  
Carmem Sílvia Taverna, Katia Rubio, Leliane Gliosce Moreira,  
Odette de Godoy Pinheiro, Paulo Roberto de Camargo,  
Rachel-Contrucci Alvim, Rogério Izidro Duran, Sandra Maria Sawaya,  
Vania Conselheiro Sequeira e Wanda Maria Junqueira Neves

**Conselheiros suplentes**

Ana Stella Álvares Cruz, Adalberto Botarelli, Carla Bertuol,  
Edinilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli,  
José Siqueira de Britto Lyra, Márcia Cabral Meireles,  
Maria Regina Namura, Milton Baldon, Rafaela Cocchiola,  
Sérgio Ozella, Sueli Pereira Pinto e Valéria Pereira

**Gerente-geral** Diógenes Pepe

**Comissão de Comunicação**

Carolina Ribeiro, Elisa Sayeg, Elizabeth Arouca,  
Inez Guimarães Pistelli, Katia Rubio, Odair Furtado,  
Rafaela Cocchiola e Rogério Izidro Duran

**Edição geral** Luís André do Prado (MTb 2212)

**Reportagem** Cristiano Tsonis (Trance esta Rede)

**Redatores** Marcília Ursini e Henrique Camargo

**Revisão de textos** Claudia Padovani

**Foto da capa** Sobreposições Sociais, Kleber Maia Marinho,  
1º colocado no Concurso Palavras & Imagens / 2000.

**Projeto gráfico e editoração** Fonte Design (11) 3081 5892

**Ilustrações** Gilberto Tomé | Patrícia Gimeno

**Impressão** Esdeva

**Tiragem** 48.000 exemplares

**Periodicidade** quadrimestral

revista de psicologia  crp sp

**Sede CRP SP**

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América  
cep 05410-020 São Paulo – SP  
tel. (11) 3061 9494, fax (11) 3061 0306

**E-mails**

Atendimento | atendimento@crpsp.org.br  
Diretoria | direcao@crpsp.org.br  
Informações | info@crpsp.org.br  
Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br  
Administração | admin@crpsp.org.br  
Jornal de Psicologia | jornal@crpsp.org.br  
Site <http://www.crpsp.org.br>

Ong Trapézio abre novos caminhos no ensino fundamental e no médio

**Escolarização 04**

Emancipação e autogerenciamento em uma associação de agricultores, Ilha Solteira, SP

**Autonomia 08**

A arte e a cultura produzem novos significados socialmente compartilhados

**Comunidade 14**

Projeto Trance essa Rede: adolescentes falando com adolescentes

**Sexualidade 20**

Crianças e adolescentes fotografam com latas

**Ensaio Fotográfico 26**

Projeto usa o cinema para estimular atividades grupais

**Clínica 32**

Estágios em saúde pública estimulam psicólogos

**Intervenção 38**

A prática do desenvolvimento junto de adolescentes infratores

**Relato 42**

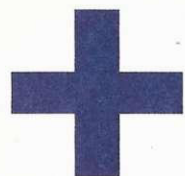
Psicoterapia, jovens com câncer e o contato com o mundo

**Atendimento 46**

Colaboradores

Camila Pedral Sampaio  
psicanalista

João Bosco Alves de Sousa  
psicólogo e escritor



Maria Haydee Sorensen  
poetisa

Sergio Penna  
diretor teatral

Projeto ImageMágica  
Photo da Lata

# TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Trabalho com idosos busca exercício da cidadania plena

**Melhor Idade 50**

A voz dos excluídos na literatura brasileira

**Literatura 54**

A preparação de atores do filme "Bicho de Sete Cabeças", de Laís Bodansky

**Artigo 58**

Os doidos que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá...

**Crônica 60**

Esquecer, expressionista

**Poesia 64**

editorial {

no. 1



# Práticas que devem ser **MÚLTIPLICADAS**

São múltiplas as práticas da Psicologia, porque múltiplo é o ser humano, assim como múltipla é a própria vida. Não foi, então, por acaso ou mera simpatia que escolhemos o nome *Múltipla* para esta nossa revista, que terá periodicidade quadrimestral. Ele espelha o princípio de respeito à diversidade humana e de luta contra toda discriminação aos que são “diferentes”, aos que destoam do estabelecido e que questionam a padronização de idéias e comportamentos e a crescente exclusão social engendrada pelo modelo neoliberal vigente. *Múltipla* é, primordialmente, uma revista voltada para a divulgação de práticas da Psicologia em São Paulo. É certo que essas práticas estarão sempre embasadas por conceitos, métodos e modelos teóricos – que, aliás, são também múltiplos em nossa atividade profissional. Mas é importante esclarecer que *Múltipla* não pretende ser uma revista sobre teorias, pesquisas ou produções acadêmicas. Publicações desse gênero já temos várias. Sentíamos falta era de uma revista que voltasse os olhos para o profissional que está executando, colocando a mão na massa, fazendo a Psicologia acontecer no dia-a-dia. Portanto, o que nos interessa aqui é a *praxis*, os trabalhos que estão sendo realizados pelos psicólogos no âmbito de nosso Estado, que hoje abrange cerca de 45 mil profissionais ativos, quase 50% dos psicólogos de todo o país, que somam em torno de 100 mil atualmente.

Além de trazer, a cada edição, relatos de práticas que apresentaram resultados exemplares em suas áreas específicas, *Múltipla* vai também publicar artigos, reflexões, crônicas, contos, resenhas e um pouco de poesia que certamente contribuirão para torná-la ainda mais diversa e abrangente. *Múltipla* é uma revista temática: a cada quadrimestre, teremos um assunto central norteando a seleção dos textos. Nosso tema de estréia não poderia ser outro senão “Psicologia e Compromisso Social”, o mesmo dado à I Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, ocorrida entre 6 e 8 de outubro último, no Parque do Anhembi, em SP. Apresentamos aqui relatos de oito trabalhos selecionados dentre os muitos expostos durante a Mostra, realizados em SP. É uma amostragem pequena, mas substancial e representativa de tantos outros que estão acontecendo nas diversas regiões do nosso Estado (e em todo o Brasil), como pudemos constatar durante o evento no Anhembi. São contribuições da Psicologia para mudarmos o cenário de exclusão e desigualdade social que se perpetua em nosso país. Eles provam que é possível transformar a sociedade, ou melhor, que ela já está vivendo um processo de mudança. É justamente esse sentimento de fé – de crença na idéia de que podemos mudar – o espírito que norteia esta revista e que desejamos passar aos nossos leitores.



Lumêna Almeida Castro Furtado  
Conselheira-presidenta do CRP SP

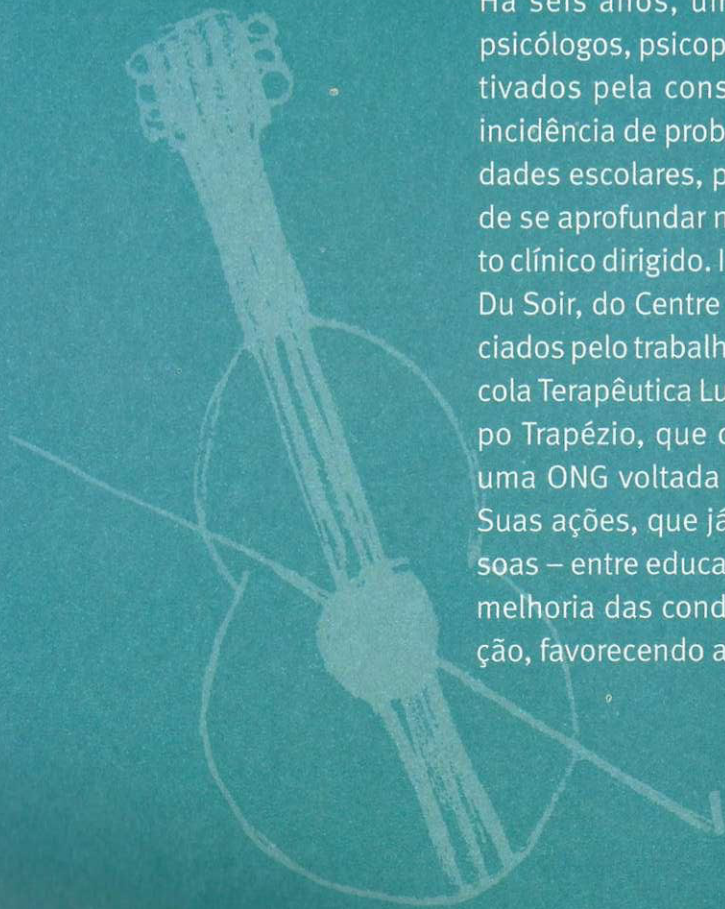
escolarização {



# Trapézio abre novos espaços na busca de uma

o alto índice de fracasso escolar de crianças e adolescentes em instituições públicas do país levou a ONG a elaborar um projeto que inclui um conjunto de “ações integradas” objetivando flexibilizar comportamentos e abrir novos caminhos na educação escolar de nível fundamental e médio.

Há seis anos, um pequeno grupo formado por psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos, motivados pela constatação de um crescimento na incidência de problemas entre crianças com dificuldades escolares, passou a se reunir com o objetivo de se aprofundar na questão e criar um atendimento clínico dirigido. Inspirados na experiência do Club Du Soir, do Centre Alfred Binet, em Paris, e influenciados pelo trabalho clínico e institucional da Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida, criaram então o Grupo Trapézio, que desde 1999 se formalizou como uma ONG voltada às áreas de educação e saúde. Suas ações, que já beneficiaram cerca de 850 pessoas – entre educadores, pais e crianças –, visam a melhoria das condições do ensino e da escolarização, favorecendo alunos, pais e educadores.



TRABALHO DE ALUNO | ARQUIVO DO PROJETO



# educação inclusiva



O projeto oferece tratamento para alunos com dificuldades escolares e um grupo de reflexão e discussão para pais relacionado à escolarização e à família, além de cursos e espaços para interlocução de educadores. Todas essas ações integradas constituem o Grupo de Apoio à Escolarização. O início dos estudos é o momento de ingresso da criança no circuito social, no qual ela passará a ter de se posicionar perante demandas variadas, como o saber, a disciplina e a educação. É na escola também que ela vai se defrontar com os não-saberes e com seus limites. É muito comum a ocorrência de variados sintomas sociais no decorrer desse processo. Alguns deles são facilmente trabalhados pela própria instituição

de ensino (quando se trata de um lugar atento a cada aluno e disposto a criar e a improvisar intervenções); outros demandam trabalhos específicos para que se dissipem.

Por conta disso, a ONG optou por um modelo de trabalho que oferece atendimento em grupo, podendo incidir mais diretamente nos problemas apresentados. As crianças passam por três atividades diferentes: a Oficina de Linguagem, o Ateliê de Artes e o Grupo de Projetos. Esse último proporciona a elas a possibilidade de trocar experiências, saberes e dúvidas, dando condições para que o discurso circule e as suas falas acabem por contemplar efeitos terapêuticos. Os grupos são propositadamente heterogêneos, o que leva ao necessário con-

frontamento das diferenças, questão priorizada no tratamento. À medida que cada criança pode suportar a diferença do outro, abre-se-lhe a possibilidade de flexibilizar a si própria. O grupo também permite que as crianças saiam de posições cristalizadas no cotidiano escolar, ocupando, nesse novo espaço, outros lugares.

As atividades propostas enfocam a produção e as etapas necessárias para que essa se realize: idealização, execução e finalização. Todas elas integram uma estrutura de tratamento que se apoia sobre dois grandes eixos: propiciar momentos de escolha nos quais a criança necessariamente tenha de se posicionar com relação ao seu desejo e a sustentação da produção em todos os seus níveis – como foi dito acima.

▼ Modelo proporciona às crianças a troca de experiências, saberes e dúvidas.

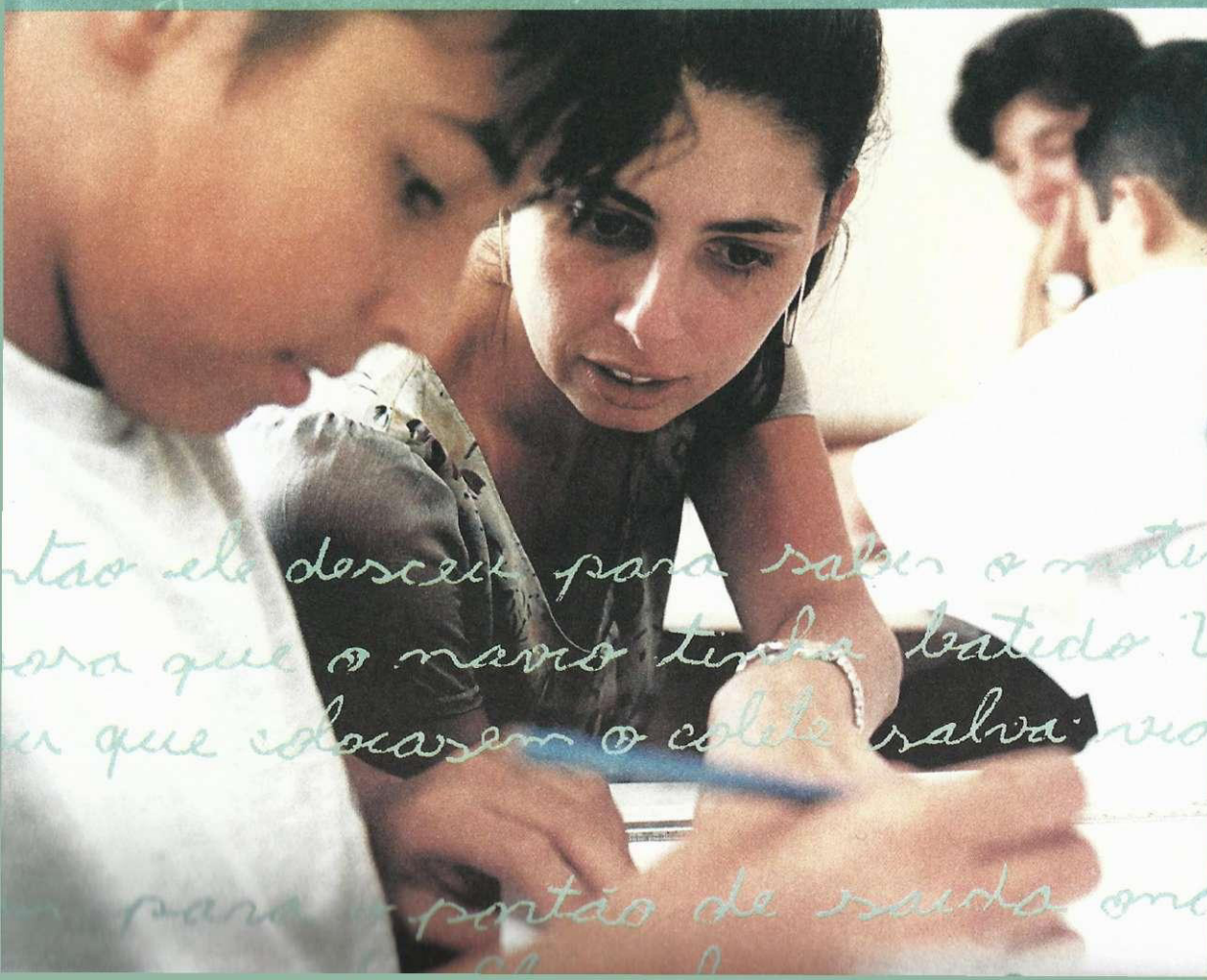


FOTO | MARGA ZOET / DOCUMENTA





### Espaço de interlocução

A escuta dos pais é o segundo pilar desse trabalho. Tem o objetivo de propiciar a reflexão e a discussão de temas relativos à escolarização e à vida familiar. Ele mobiliza e implica os pais no tratamento de seus filhos, oferecendo condições para que possam se reposicionar diante da problemática dos filhos e da escola, dando outro significado, inclusive, a sua própria história escolar. Cada família tem um profissional de referência, que realiza atendimentos individuais quando necessários. Além disso, eles participam de um grupo, no qual trocam experiências.

Em relação à escola, é de fundamental importância a existência de um espaço de interlocução. Nele, a meta é entender, com o pessoal da instituição, o lugar que a criança ocupa na escola e a compreensão das questões suscitadas em sala de aula. Esse trabalho é realizado pelo profissional de referência, que se oferece como interlocutor para que o profes-

sor possa abrir questionamentos sobre o seu papel, restituindo-lhe seu lugar de agente da educação e, simultaneamente, restituindo à criança seu lugar de aluno.

O Trapézio oferece esse espaço de escuta. Assim, pode desfazer lugares de cristalização, permitindo a sustentação do trabalho com o aluno diferenciado em sala de aula e priorizando as necessidades e dificuldades causadas pelas idiossincrasias individuais e seus estilos cognitivos. Essa prática pretende oferecer condições para que as escolas busquem, com a equipe do Trapézio, uma abordagem comum do estilo do aluno, além da abertura de espaço para a circulação de discursos. É importante dizer que essa situação nos defronta com o impasse de não “psicologizar” os espaços da educação, o que desvirtualizaria o tipo de atendimento que propomos. Não há a intenção de ensinar o educador a reconhecer problemas psíquicos ou a realizar intervenções psicanalíticas em sala de aula. Isso o afastaria de sua ta-

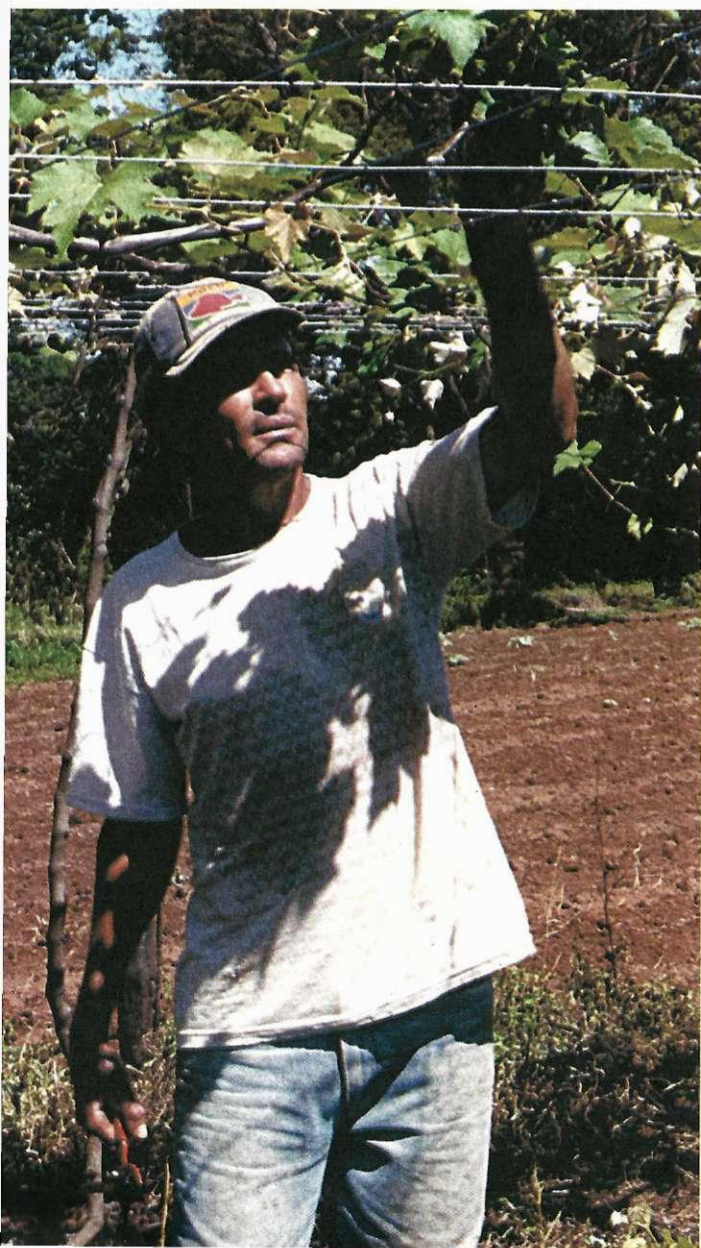
refa principal e retiraria a especificidade de seu trabalho: ensinar.

Dessa forma, menos que enquadrar o aluno psicologicamente ou realizar avaliações, visamos acolher as questões enfrentadas pelo professor em sala de aula e a contribuir para uma compreensão acerca das dificuldades na aprendizagem e na socialização. Criar uma interlocução com educadores significa incluir a escola como parceira na abordagem da dificuldade escolar, edificando um terreno fértil para que novas articulações possam ser formuladas e outros caminhos apontados, reconstruindo cotidianamente a clínica e ampliando o poder social da psicanálise em múltiplas vertentes.

} Equipe do Projeto Trapézio:  
Carolina Bacchi, psicanalista; Flávia Vasconcellos, psicanalista; Isabel Moreira Ferreira, psicanalista e psicopedagoga; Renata Lopes Dabori, psicanalista

autonomia {

# A emAnCipaÇão de assentados da CESP



Para promover o **desenvolvimento humano** e o **auto-gerenciamento** de uma associação de pequenos agricultores, há dois anos uma equipe da Ciclo de Mutação, entidade sediada na cidade de São José do Rio Preto, SP, e vinculada à Federação Brasileira de Psicodrama – Febrap –, foi até uma comunidade de 400 habitantes, localizada ao redor de Ilha Solteira – cidade a noroeste do estado, às margens do Rio Paraná – que compõe o denominado Cinturão Verde

Lá, vivem 81 famílias, assentadas pela CESP por ocasião da inundação da represa para a usina hidrelétrica daquela região – há mais de dezessete anos. O trabalho foi iniciado por solicitação de representantes da associação e da administração municipal de Ilha Solteira, mesclando encontros quinzenais e mensais. A equipe da Ciclo de Mutação identificou lideranças e pessoas interessadas nas intervenções psicológicas que, a partir daí, vêm desenvolvendo, avançando em um trabalho que as coloca em uma nova realidade. Até o ano passado, os próprios participantes identificavam-se como “crianças dependentes dos pais”. Hoje, são como “adolescentes, quase adultos”, correndo atrás de suas necessidades.

Até 1998, a Associação dos Pequenos Agricultores do Cinturão Verde de Ilha Solteira, Apacvis, tinha uma diretoria formal que “falava sozinha”, pois não havia participação ou demonstração de interesse por parte das famílias sobre as decisões e sobre os rumos da entidade. A própria diretoria mostrava-se incompleta e bastante precária em sua organização. Hoje, a estrutura conta com dois departamentos: de Esporte e Eventos e de Produção e Comercialização. Dirigidas aos membros da comunidade (crianças, adolescentes, adultos e idosos), as atividades desenvolvidas pela equipe da Ciclo de Mutação com os assentados têm sido realizadas em sessões abertas à participação de todos ou voltadas exclusivamente para as lideranças. A intervenção alia teorias do construtivismo social e sistêmica de terapia familiar à prática psicodramática (via sociodramas tematizados), além de outras ações paralelas.



▲ Maria Aparecida Lampieri (1ª à esq.) coordena atividade de “desenvolvimento humano” com membros da Apacvis, Ilha Solteira, SP, abril 2001.

A experiência desencadeia um processo de amadurecimento coletivo e responsabilização pelo próprio destino. Quem sabe, poderá inspirar outros modelos de intervenção que objetivem uma saída da clausura, da indiferenciação infantilizada que encontramos em diversas incursões sociais. Pois são muitas as comunidades e populações que se encontram em co-dependência de instituições ou governos, sem utilizar seu potencial ativo. Dentre as atividades em grupo, promovemos uma ginca na para mobilizar os associados e a própria população de Ilha Solteira a alterar definitivamente o conceito de “dependência” para o de “setor produtivo”. A criação do Feirão do Cinturão Verde, no ano passado, como um fruto dessa intervenção, representou um marco

que, quiçá, poderá estimular o turismo rural à região. O Feirão foi idealizado e sedimentado a partir de sociodramas. Foi inaugurado na própria sede da Associação e se propôs, originalmente, à venda e/ou à exposição de produtos gerados pelos associados, como animais (cabras, galinhas etc.), carnes, hortifrutigranjeiros, grãos, laticínios, artesanatos e produtos de valor, agregados por processamentos aprendidos em cursos oferecidos pela administração municipal. Também eram oferecidos passeios a cavalo e de carroças. Inicialmente, já incorporava outros setores do município, tais como a horta da terceira idade. Estamos ainda muito distantes do ideal; porém, o Feirão, que se tornou semanal, é uma realidade irreversível, promovendo o escoamento

constante de produtos produzidos pela Associação. E aqueles associados efetivamente participantes têm hoje claro que só terão atuação maciça quando provarem aos demais que é possível viver com segurança produzindo na terra.

### Co-dependência

Como a maioria dos pais de família, também era comum os provedores, aqueles que vinham “sustentando” paternalmente a Associação – CESP e depois a administração municipal – afirmarem que desejavam a independência de seus “filhos”. Era possível observar, entretanto, que ao mesmo tempo em que lamentavam a “infância” tardia dos associados, alimentavam aqueles “eternos bebês”. Encon-



travam-se fortemente complementados num elo de “pais descontentes” e “filhos topetudos, birrentos, queixosos ou mais saidinhos” e receosos de perderem a “teta”. Mantinham com os provedores uma relação similar à de um sistema familiar. Viviam paralisados diante das paradoxais necessidades de “pertencimento” e de individualização. Individualizá-los poderia significar perder a identidade de grupo e fazer com que deixassem de “pertencer aos pais”.

Era possível identificar no relacionamento entre os assentados padrões de segredos, coalisões e revoltas que tendiam a tolher a evolução do grupo para novos ciclos. A contabilidade emocional da família nuclear, representada pelo grupo de associados, tendia a um débito eterno, enclausurando-os junto da família ampliada, representada pelos tutores governantes. Aos mais jovens, a saída concreta para a cidade poderia significar sair do jogo da dependência financeira. Porém, isso não os libertava do rótulo de dependentes que fora atribuído como um estigma aos descendentes do Cinturão Verde. Com grande número de eleitores (acima de duzentos), as sucessivas tentativas de “dar jeito nessa situação” renderam projetos e subsídios. Muitos movimentos anteriores foram experimentados, emplastando a inércia, confirmando uma imagem arranhada e sedimentando o receio e o descrédito quanto à possibilidade de mudança, tanto entre associados quanto aos seus tutores e ao contexto mais amplo.

Diferentes formas de dependência têm se tornado objetos de atenção de profissionais da saúde, da educação, de sociólogos e outros. Há alguns anos, estamos pesquisando esse tema dentro e fora de instituição; na Ciclo de Mutação, atendemos a famílias, sejam particulares sejam em grupos. Temos estudado padrões e correlações em sistemas de co-dependência. Estão sendo reunidos com o tí-

tulo provisório “Co-dependência e Transtornos Associados”, em que discutimos sistemas rígidos e efetivas mudanças. Nesses sistemas, uma estrutura relacional colabora na manutenção do comportamento dependente. Os participantes dessa estrutura têm sido chamados de co-dependentes. Eles assumem a função de facilitadores, ocultadores da dependência, controladores, complementam com o dependente, garantindo a homeostasia do sistema.

Essas interações promovem bruscos e barulhentos movimentos, porém, como pseudo-mudanças que mantêm o sistema enclausurado tentado a perpetuar a dependência como garantia de equilíbrio homeostático. Vivem numa seqüência de inter-relações nas quais co-dependentes e dependentes oscilam da díade resgatador/coitado para a perseguidor/perseguido, passando a vítima/rompedor (o não-merecedor desiste, apesar do esforço de todos). A esses ruídos temos denominado pseudoflexibilidade. Os co-dependentes fazem falsos duplos para proteger esse sistema. Eles têm a função de garantir que, após as pressões e as descompressões, todos retomem suas conhecidas funções.

Essa estrutura não dispõe de energia suficiente para levar seus membros à maturidade, a uma *self-position*. A co-dependência não percebida leva freqüentemente a família a buscar ajuda, que pressupõe extinguir-se a dependência sem alterar os padrões relacionais no sistema. Olievenstein (1989), Scott e Van Deusen (1982), grandes estudiosos da dependência química que por mais de quinze anos atuaram na instituição experimental Centre Medical Marmottan, observam que a família, muitas vezes, age como que dependente da dependência. “Entendemos que a intervenção do psicólogo deveria voltar-se para a desestruturação desse padrão, dando lugar a novas interações e novos equilíbrios”, dizem esses autores.

### Desconstruindo padrões

Esse trabalho passa pelo construtivismo, por meio de sociodramas de reuniões com dirigentes (que em analogia representam a família ampliada), com associados e dirigentes (holon parental) ou sozinhos (filhos), com parceiros externos (outros subsistemas que se relacionam com a família), em grupos de lotes (sessões domiciliares). Em função do grau de indiferenciação do grupo, optou-se por uma intervenção sistêmica mais estratégica e estruturalista. Com os diferentes subgrupos, quer com muitos quer com poucos participantes, visamos criar um ambiente terapêutico, evitando cair na formação de vítimas de comportamentos acusatórios ou tirânicos. Buscamos fomentar a percepção do *status*, a quebra de padrões rançosos, a ativação de novos padrões transacionais e a distribuição da responsabilidade.

Tudo o que se fala e o que se percebe, o próprio meio ambiente, tal como o compreendemos, é invenção nossa, segundo o construtivismo social. A verdade construída e admitida pelo grupo do Cinturão Verde clamava pela heresia. Conceitualizado como pessoal encostado na CESP (ou na Administração Municipal posteriormente), poderiam até não concordar com a definição, porém não deixavam de estender a mão para esse jogo. Mantinham-se como membros de uma associação das mais duradouras de sua espécie, porém não sabiam o que fazer com ela (a maioria não tinha participação nem mantinha a mensalidade em dia). Por meio de desafios, de encenações e do uso de técnicas psicodramáticas, foram instigados a ir inventando narrativas, ampliando visões que dessem outro significado ao marasmo, abrindo as portas para as mudanças.

### Os ritos

J. L. Moreno, criador do psicodrama, desde os tempos da faculdade de medicina em Viena, no início do século passado, já acreditava no poder simbólico dos ritos. Mais tarde, diria que os sacerdotes e os santos rendiam bons psicodramas. Em terapia familiar, utiliza-se também essa técnica para demarcar passagens de desenvolvimento ou delimitar fronteiras. Temos lançado mão de ritos em sociodramas com grupos de co-dependentes da família. Nesse trabalho, os ritos foram demarcadores de etapas. Nossos primeiros encontros eram constantemente marcados por trocas de acusações, em que culpas eram mutuamente delegadas com grande pressão entre presentes e ausentes, atuais ou – especialmente – do passado.

Então, fizemos um rito do lixão, em que os participantes jogavam e vomitavam as rinhas,

▼ Membros da Associação dos Pequenos Agricultores do Cinturão Verde de Ilha Solteira, Apacvis. Ilha Solteira, SP, abril 2001.



os ranços e as mágoas antigas. É importante que o rito seja preparado, ensaiado, para que seja esperado como algo significativo. Não é apenas o ato em si, mas o valor atribuído a ele que o fará um marco para o grupo. E o envolvimento é o ingrediente mais importante. O teste sociométrico, desenvolvido por Moreno e informatizado pelo engenheiro e colaborador do trabalho Roberto Zampieri, foi um importante instrumento “sacionômico” utilizado, em especial no início da atividade. Isso agilizou na identificação de lideranças. Ao mesmo tempo, permitiu documentar o movimento e a evolução sociométrica do grupo.

Dentre tantas teorias sobre o desenvolvimento humano, a de Moreno permite uma

compreensão desse processo subdividindo-o em duas etapas. A primeira engloba desde a mais completa indiferenciação “eu-mundo”, típica do recém-nascido, até a conquista de condições de se estabelecer distinções entre as coisas e as situações reais daquelas que são apenas imaginadas. Nessa etapa infantil, evoluem os aparatos que viabilizam o sujeito a distinguir seres e objetos animados de coisas inanimadas e perceber-se como unidade distinta do outro e do ambiente. Assim, avança-se da simbiose e da completa dependência. Porém, o ser ainda se confunde entre o que é real e o que faz parte da imaginação. Quando começa a distingui-los, diz Moreno, a criança conquista um segundo e novo univer-

so, no qual as experiências, os jogos e as relações se tornam verdadeiramente um exercício da liberdade de escolha. A riqueza dessa teoria reside em possibilitar analogias com todo o novo processo vivido pelo homem ou por um grupo.

Em uma reflexão pelo viés da matriz de identidade, podemos dizer que de uma situação indiferenciada, característica do primeiro universo, os membros da comunidade avançaram para um estágio mais evoluído de desenvolvimento. Trilharam desde iniciais duplos egos, quando apenas os dirigentes falavam por eles. Exercitaram uma percepção do eu, separando eu e tu, definindo-se como “criança” no papel de associados. Em analogia com uma família, puderam perceber e verbalizar quais elementos exerciam função de pais, quais eram parte efetiva da associação, quais eram parceiros. Em espelho utilizado várias vezes, a simbiose foi mantida, concretizada, maximizada e desafiada, configurando-se talvez como a mais difícil percepção organométrica, em relação a parceiros.

Residia ali um foco de co-dependência sedimentada e fortalecida por pressões e descompressões de todos os sistemas interligados. Eram percebidos como parte, tanto por associados como por parceiros que até mesmo



**“Por meio de desafios, de encenações e do uso de técnicas psicodramáticas, (os membros da Apacvis) foram instigados a ir inventando narrativas, ampliando visões (...), abrindo as portas para as mudanças.”**



A Viveiro de mudas com irrigação e áreas de plantio de associados da Apacvis. Ilha Solteira, SP, abril 2001.

ocupavam cargo de diretoria na associação. Tênuas e confusas, encontravam-se nos limites internos e externos, tanto quanto seus papéis e suas funções. Agora, estão descobrindo quem são, experimentando e treinando papéis, separando realidade e fantasia. Ao se definirem na relação com outros subsistemas, estão mesmo alterando a imagem que têm na comunidade local. Na sessão de posse da nova diretoria, mostraram-se firmes e políticos. Constituíam uma equipe em potencial. Hoje, acham-se em distintos níveis de maturidade.

Porém, é interessante observar a individualização, uma maior compreensão entre eles, permitindo diferenças e convivendo com as limitações dos outros com maior tolerância. Na simbiose inicial, parecia que a insuficiência de um impedia ou restringia as condições do outro, sendo sentida como própria, como um espelho mostrando uma fase indesejada. Existem aqueles em condições de melhor percepção e liderança, entrando no segundo universo da matriz. Encontram-se em graus diversos de desenvolvimento, de conhecimento e *de status*

sociométrico. Indivíduos isolados, uns bem-sucedidos, uns malsucedidos, outros incrédulos e desiludidos e ainda os que já trouxeram de volta filhos para a terra; além de jovens, que, em um universo maduro, estão assumindo a liderança.

} Maria Aparecida Junqueira Zampieri  
sócia-diretora da Ciclo de Mutação,  
coordenadora do departamento de  
Representatividade da FEBRAP, supervisora  
em psicodrama e psicoterapeuta familiar

FOTOS | AG. DE COMUNICAÇÃO CORREIO DA ILHA

comunidade {

# Arte e Cultura promovem saúde mental e Cidadania

A arte e a cultura podem ser instrumentos de promoção da saúde mental e da cidadania. Por sua vez, o profissional de Psicologia deve considerar em seu trabalho a realidade concreta de cada sujeito e os espaços coletivos em que atua, promovendo trocas de experiências capazes de produzir significados socialmente compartilhados. Exemplos de práticas psicológicas entendidas como instrumentos de transformação e compromisso social foram implementadas na Casa Popular de Cultura do M'Boi Mirim e pelo Projeto Comunidade Viva, beneficiando parcelas da população carente da Zona Sul de São Paulo.

► "Folias e Folguedos", espetáculo coordenado por Inimar dos Reis com familiares e portadores de deficiências. Campo Limpo, SP, dez. 2000.







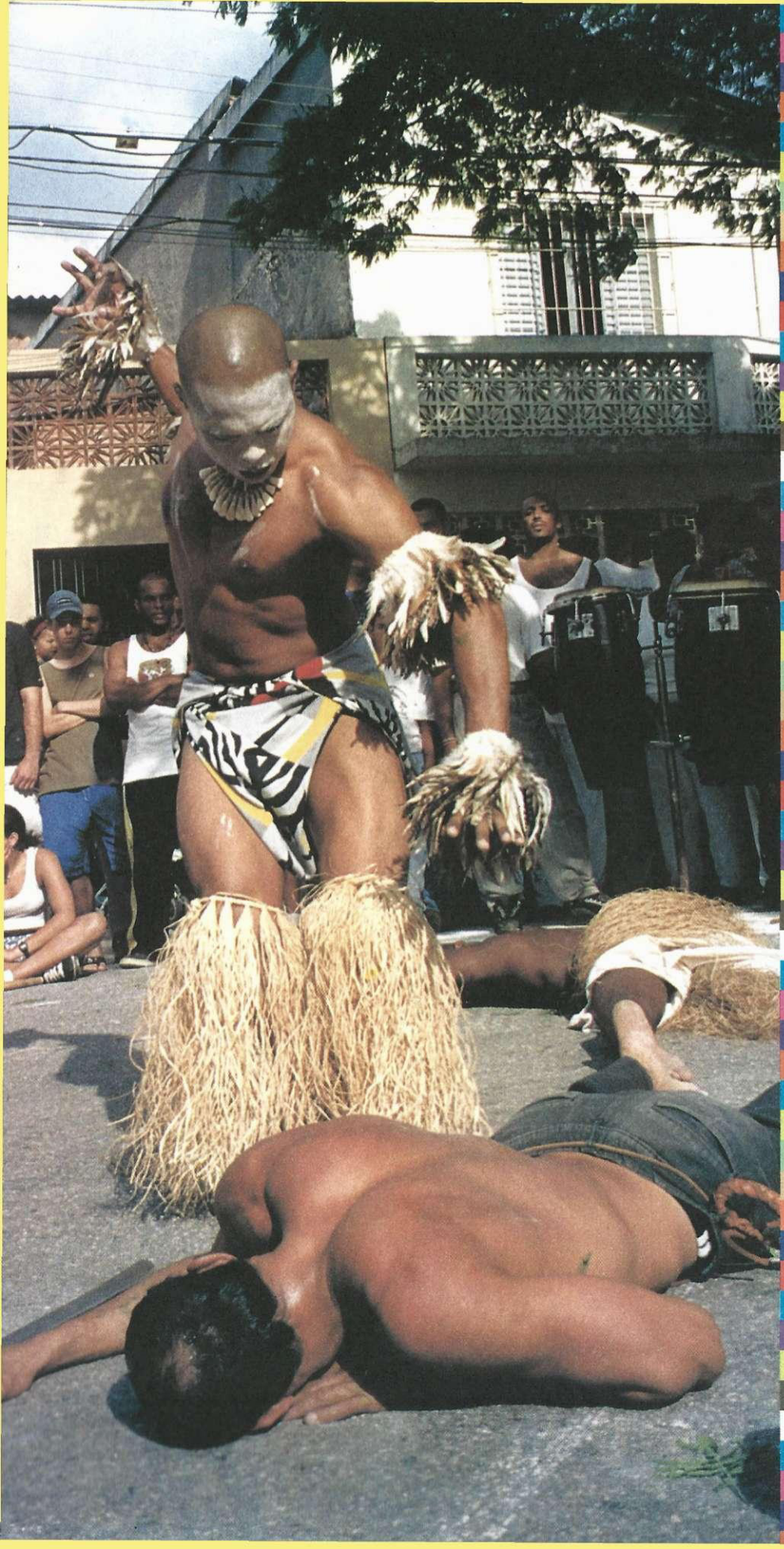
A Banda Palhaçal apresenta-se na EMEI Paulo Zigg, Capão Redondo, SP, mar. 2000.

Em 1990, vivemos a experiência da implementação do Centro de Convivência e Cooperativa Parque Guarapiranga – CECCO, que durou sete anos e teve por objetivo o atendimento a portadores de deficiências mentais, meninos e adolescentes moradores de rua, além de idosos. O trabalho implicou a realização de atividades coletivas e conjuntas, envolvendo também as pessoas ditas normais, com a

formação de agrupamentos não por patologias, mas por áreas de interesses. Proporcionou-se aos participantes o contato com diferentes linguagens artísticas, como música, dança, teatro, capoeira, artes plásticas, artesanato e taichichuan. Tudo isso foi realizado por uma equipe multiprofissional.

Ao nos transferirmos para a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, em 1996, acre-

ditávamos que o trabalho com as linguagens artísticas oferecia um recurso privilegiado e facilitador para a promoção da saúde mental e para o exercício da cidadania. Foram então elaboradas propostas que resultaram em dois projetos que foram apresentados ao órgão: “Casa Popular de Cultura do M’Boi Mirim” e “Projeto Comunidade Viva”.



## M'Boi Mirim, resgate da dignidade

A Casa Popular de Cultura do M'Boi Mirim foi fundada em 1983, com o objetivo de resgatar a cultura e a cidadania dos moradores locais.

Construída em mutirão e tendo sua diretoria eleita pelos cidadãos da redondeza, a Casa procurava estimular e promover as atividades socioculturais coletivas que abrangessem toda a comunidade. Possuía vários grupos e núcleos, de acordo com as faixas etárias e os interesses dos participantes. Com as crianças, procurava-se desenvolver habilidades, como organização, atenção, concentração e reconhecimento de regras grupais, auxiliando nas atividades escolares, além de dar-se orientações a escolas e familiares. Já nos grupos jovens, os principais problemas eram a violência, as drogas, a delinquência, a gravidez, a desvalorização e o abandono da escola, sem contar a desestruturação familiar e a falta de perspectiva de trabalho e lazer.

A intervenção da Psicologia neste trabalho teve início a partir de 1996, tendo como objetivo aumentar a auto-estima dos membros da comunidade por meio do desenvolvimento e do reconhecimento de suas habilidades artísticas. Nesse contexto, foi fundamental identificar as regras coletivas e colocar em questão os direitos e os deveres da cidadania. Oficinas, *workshops*, espetáculos, palestras, debates, encontros, ensaios abertos, reuniões, festas, bailes e passeios foram as atividades desenvolvidas na Casa, num trabalho conjunto entre os profissionais e os voluntários da comunidade. Com grupos de crianças e adolescentes, foi realizado um acompanhamento do desenvolvimento escolar, visando à reinserção. Outro grupo atendido foi o da terceira idade. Embora tivesse esse nome, contou com a participação de adultos preocupados com o processo de envelhecimento. No quadro a seguir, detalhamos alguns dos trabalhos efetuados.



### Cultura afro-brasileira

O “Grupo Cultural Espírito de Zumbi” trabalhou vários aspectos da cultura afro-brasileira, dividindo-se em subgrupos de oficinas e/ou atividades como capoeira, maculelê, puxada de rede, dança afro, percussão e dramatizações de fragmentos do cotidiano do negro escravo. Sua missão era promover debates sobre as contribuições do negro na cultura brasileira e o lugar reservado a ele em nossa sociedade.

▲ “Espírito de Zumbi” apresenta-se durante a 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia. SP, out. 2000.

► Espetáculo “Folias e Folguedos”.  
Campo Limpo, SP, dez. 2000.



### Terceira idade

Foram atendidas aproximadamente cem pessoas de ambos os sexos, com predomínio de mulheres com mais de 50 anos, nucleadas principalmente nas oficinas de taichichuan. Elas se engajaram também em outras atividades, como dança de salão, canto coral, artesanato, passeios, bailes, debates sobre saúde, palestras sobre a condição da mulher na sociedade, fóruns sobre políticas para a terceira idade etc.

### Reinserção escolar

Era comum encontrar na comunidade casos de garotos que abandonaram a escola. Para executar as atividades propostas na Casa de Cultura, no entanto, eles logo percebiam a necessidade de voltar a estudar, caso contrário, continuariam com dificuldades em redigir textos, compor músicas ou fazer pesquisas em livros. Foram estabelecidas relações com suas famílias, que eram orientadas quanto aos procedimentos necessários para matrícula e acompanhamento do filho na escola. Em seguida, foram feitos contatos com as escolas para discussão da problemática e acompanhamento dos alunos, refazendo o relacionamento dos garotos com a vida escolar, visto que até então esse não era dos mais positivos. A aproximação com os familiares e o estabelecimento de uma relação de confiança com os mesmos permitiu-nos intervir e dialogar em algumas ocasiões de conflito.



### Garotos do Pira

Composto por aproximadamente quinze jovens, na maioria meninos entre nove e dezesseis anos que viviam em situação de rua e com famílias geralmente desestruturadas, nas quais as mães ou as avós assumiam a chefia da casa. Quando não tinham abandonado seus lares, os pais em geral estavam desempregados ou eram alcoólatras. Os garotos mais velhos prestavam trabalhos informais, fazendo pequenos bicos para sobreviver. O trabalho desenvolvido pelos Garotos do Pira recebeu o nome de “Arte, Educação Ambiental e Cidadania” e foi composto por três núcleos:



### Núcleo musical

Formado pela banda “Garotos do Pira”, dedicada ao desenvolvimento musical de crianças e adolescentes. Compunham suas músicas com temas relacionados a violência, exclusão, projetos de vida, questões ambientais (o lixo, a Represa Guarapiranga, a poluição etc.). A qualidade técnica do grupo foi reconhecida e surgiram muitos convites para apresentações em instituições comunitárias, escolas públicas e eventos da cidade, revigorando a auto-estima do grupo.

### Núcleo de reciclagem e produção artesanal

Dedicava-se às atividades de reciclagem e reaproveitamento de materiais como forma de preservação do meio ambiente. Criava objetos que pudessem ser comercializados, abrindo com isso a possibilidade de profissionalização. Realizava um evento anual chamado “Malhação do Lixo”, quando um boneco de sucata de aproximadamente quatro metros de altura era malhado no sábado de aleluia, como se fosse o Judas. Durante a brincadeira, discutia-se a situação do lixo na comunidade, do córrego local e das condições de moradia. Assim, buscava-se sensibilizar a população para as questões de saneamento. Ao final, havia apresentações de dança, música e capoeira. A coordenação desse grupo teve a participação do músico, artista e educador ambiental Marinho Mar, além da minha.



▲ “Draculinha, A Vida Acidentada de Um Vampirinho”, espetáculo teatral apresentado na EMEF Plínio Salgado. Grajaú, SP, maio 1999.

### Núcleo teatral

Dedicou-se ao trabalho com teatro de bonecos, tendo como tema central a relação do homem com o meio ambiente, contextualizando a importância e o uso da Represa Guarapiranga.





## Projeto Comunidade Viva

O Projeto Comunidade Viva teve início em 1999, visando colaborar com o processo de reintegração de valores humanistas numa sociedade marcada pela exclusão social, propondo a realização de atividades socioculturais como alternativas saudáveis à falta de locais para a promoção da cultura na localidade. Foram firmadas parcerias com as secretarias municipais de Cultura, Educação e Assistência Social da municipalidade de São Paulo de modo a propiciarmos a realização de atividades em Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEI – e de Educação Fundamental – EMEF –, Centros de Juventude, creches, grupos de terceira idade e comunidade em geral.

À Secretaria da Cultura, coube disponibilizar artistas e assessorar tecnicamente as outras secretarias. A Psicologia entrou nesse pro-

jeto para analisar a adequação dos espetáculos às características da população atendida, considerando a faixa etária, o interesse, a linguagem, o tema e o conteúdo. Entre novembro de 1999 e dezembro de 2000, foram realizados 1.597 espetáculos e oficinas em escolas para mais de 400 mil crianças e jovens. Em 95% das instituições, o trabalho foi ótimo ou bom, segundo pesquisa realizada pelos organizadores. Vale destacar que, inicialmente, existia um receio por parte de artistas em trabalhar nas regiões atendidas pelo Projeto. Quando se falava em Jardim Ângela ou Capão Redondo, vinham logo brincadeiras do tipo: “Vamos ter de levar segurança?”. Mas os preconceitos foram logo quebrados e, ao final, todos consideraram o trabalho gratificante e emocionante.

▲ Músico e contador de histórias Toninho Carrasqueira apresenta “Mitos e Lendas” na EMEI Orlando Gaudio, Jardim Ângela, nov. 1999.

} Edna Maria Santos  
Psicóloga, coordenadora do Projeto  
Comunidade Viva e da Casa de Cultura do  
M\*Boi Mirim

FOTOS | ARQUIVO DO PROJETO



sexualidade {

## Rede *m*obiliza *j*ovens a cuidar da saúde *S*exual

**Criado em 1996** pela organização não-governamental GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual –, o Projeto “Trance esta Rede” vem desde desse período criando uma rede de ações educativas, tecida por adolescentes e educadores, na área de sexualidade e prevenção das DST (doenças sexualmente transmissíveis) na cidade de São Paulo.

Adolescentes falando para adolescentes: essa é a idéia central que norteia o Projeto. “Um adulto fala com o adolescente de maneira diferente. Não usa a mesma linguagem e não tem as mesmas expectativas”, distingue Leni do Espírito Santo, estudante do 1º ano de Administração, 24 anos, que integra um dos grupos do Trance (o “Aí, Ui, Fui...”), na função de “multiplicadora”. “Acreditamos que a linguagem deles é eficaz, encurta o caminho da prevenção, porque eles

têm uma vivência compartilhada que os aproxima, facilitando a sua comunicação”, comenta Beth Gonçalves, coordenadora do Projeto, que é financiado pelo Ministério da Saúde, vinculado à Coordenação de Aids e de outras Doenças Sexualmente Transmissíveis.

O público-alvo dessa rede são jovens entre 12 e 21 anos, de escolas públicas e particulares, vivendo na cidade de São Paulo. “É importante termos nessa rede adolescentes de classes sociais diferentes. Convivendo, eles constroem vínculos e aprendem a lidar melhor com as diferenças, enfrentando os preconceitos. Trabalhamos com eles o exercício da tolerância e da solidariedade. É rico ter um espaço com diversos adolescentes de escolas públicas e particulares e de comunidades, discutindo juntos o que é adolescer em São Paulo”, comenta Beth.


### Formação & Metodologia

O Trance iniciou suas atividades convidando adolescentes a participarem de Oficinas de Sexo Protegido. Foram chamados 400 adolescentes em uma primeira etapa de sensibilização para os cuidados com a sua saúde sexual. “Foram passadas informações básicas. Discutiram direitos, responsabilidades e alguns conceitos relacionados com sexualidade e prevenção”, relata Beth. Depois, esses jovens foram convidados a integrar as equipes de supervisão para aprender a coordenar e multiplicar ações educativas com seus colegas de mesma faixa etária. Nesses grupos aprofundaram os temas que “eles haviam visto nas oficinas, discutiram estratégias de intervenção por meio de uma metodologia participativa e passaram a coordenar novos grupos de adolescentes, em duplas ou trios”, explica Beth.

O Projeto prioriza a participação dos adolescentes em oficinas. Inclui dinâmicas de grupo, teatro, palestras e coordenação de eventos para jovens, num processo contínuo que valoriza a iniciativa, a espontaneidade e a cri-

atividade. São abordados temas como: adolescência, relações de gênero, prazer, corpo e afetividade, direitos sexuais e reprodutivos e obstáculos socioculturais e emocionais que dificultam a adoção de condutas preventivas. Possibilita a reflexão sobre a vulnerabilidade à infecção pelo HIV. “Os adolescentes entram em contato com temas que têm que ver com suas vivências. A convivência e a coordenação dos trabalhos contribuem para ampliar sua consciência crítica e sua condição de adolescente hoje”, comenta Beth.

Marcos Veltri, um dos educadores do Tran-



Adolescentes  
formados como  
multiplicadores

meninos 67  
meninas 83

o maior grupo  
vem  
de escolas  
públicas,  
128  
adolescentes

FOTOS | MARCIA ZOET / DOCUMENTA

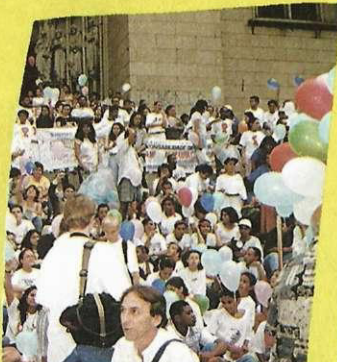
total de  
adolescentes  
atingidos  
**5.500**



total de  
educadores  
dos núcleos  
**25**

Números  
do Trance  
em 2000

total de  
coordenadores  
dos núcleos/  
GTPOS  
**9**



ce, explica que a metodologia de trabalho “baseia-se no sociointeracionismo e numa participação ativa do adolescente. Além disso, encontra sustentação na teoria de Paulo Freire sobre o processo de ação/reflexão/ação, tomando sempre o adolescente como sujeito; ele nunca é um objeto. Funcionário da Secretaria Municipal de Saúde e especialista em educação, Marcos coordena dois grupos do Trance: o “Aí, Ui, Fui...” e o “Corrente Libertadora”. O trabalho em torno da noção de vulnerabilidade, outro ponto importante no Projeto, é dividido em três eixos de trabalho: institucional, que discute o sistema de saúde e o acesso ao mesmo; social, que questiona a sociabilização em grupos e como ela nos influencia; individual, que expõe, dentre outras coisas, a importância de estarmos bem-informados. “Por exemplo, uma garota com baixa auto-estima não tem força para negociar o uso da camisinha. Então, torna-se vulnerável”, avalia Marcos. O sucesso do Trance tornou-o um laboratório de estratégias de

intervenção para as demais ações do GTPOS. “A partir da linguagem dos adolescentes e do que eles constroem conosco, aprendemos muito”, destaca Beth.

#### Criando consciência

Após a sua formação como “multiplicadores”, eles estão capacitados para planejar, coordenar e avaliar ações educativas que vão de oficinas, com prazos maiores, a eventos mais pontuais, como seminários e fóruns. “A partir do momento que coordenam oficinas, eles adquirem um treino maior e são desafiados para outros encontros. Ao organizar seminários, por exemplo, eles desenvolvem os conteúdos das oficinas do Trance e também recebem informações de oficinas que outros adolescentes orientam, o que promove uma troca de experiências e de informações muito rica. Os jovens do Trance já articularam eventos de porte, como o “Encontro Paulista de Adolescente” – EPA –, com o MAB (Movimento de

Adolescentes Brasileiros), o “10 anos do ECA”, o “Batuca Galera”, o “Dia Mundial de Luta Contra a Aids” dentre outros.

Nem todos os que entram no Trance continuam atuando no Projeto. Muitos levaram sua experiência para outros campos do exercício de sua cidadania. “Foram integrar projetos com o Instituto Sou da Paz, com a Abrinq. Nossa proposta visa a autonomia dos adolescentes e uma participação ativa na sociedade, como Sujeitos. Desejamos que compreendam melhor os cuidados necessários com sua saúde sexual e bem-estar e que os adotem”, comenta Beth. As conversas sobre sexualidade no Trance são, portanto, um ponto inicial da inserção dos jovens em trabalhos sociais. “Logo participam de encontros mais gerais, tendo como interesse o meio ambiente, a pluralidade cultural, a violência etc. Assim, vão construindo uma perspectiva mais ampla de ação para a elaboração de políticas públicas para jovens”, afirma Beth. Esse é, por exem-



◀ Em sentido horário, a partir da 1ª foto ao alto: Marcos Veltri, educador; reunião do "Trance esta Rede" na sede do GTPOS; evento do Dia Mundial de Luta contra Aids, no Pq. do Ibirapuera; Beth Gonçalves, coordenadora do Projeto; manifestação de adolescentes em frente a Catedral da Sé, Centro de SP.

plo, o caso da adolescente Mariana Nasser, 17 anos, que iniciou suas atividades no Trance e atualmente está buscando financiamentos para viabilizar um projeto de sua autoria, que propõe a criação de um Fórum de Jovens sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos.

### O GTPOS

Foi criado em 1987, por psicanalistas, psicólogos e pedagogos. A Ong GTPOS é formada por

uma equipe multidisciplinar que tem em comum o interesse pelo trabalho e pela pesquisa na área da sexualidade humana. O GTPOS trabalha com assessoria, consultoria e implantação de projetos nas áreas da sexualidade e prevenção de DSTs e AIDS. Do intercâmbio entre esses profissionais, surgiu a proposta metodológica da implantação de projetos sobre orientação sexual em escolas. O GTPOS possui um Centro de Documentação e Infor-

mação especializado em Sexualidade, DST/AIDS e temas correlatos, com um acervo de 2.000 títulos. A meta da instituição é contribuir para a construção de conhecimentos e implementação de ações inovadoras em relação à sexualidade, nos âmbitos da educação, da saúde e da comunidade. A psicóloga e atual prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, foi a idealizadora e coordenadora do Grupo e, atualmente, é sua presidente de honra.

♀ meninas  
♂ meninos

## Núcleos do Trance e nº de adolescentes multiplicadores

Lapa/Pompéia – Sesc Pompéia: 10

♀ 5 ♂ 5

Perus: 14

♀ 7 ♂ 7

Heliópolis: 35

♀ 19  
♂ 16

São Bernardo: 16

♀ 5  
♂ 11

Corrente Libertadora – Santo Amaro: 14

♀ 7  
♂ 7

Núcleo Vila Nova Conceição/Itaim: 22

♀ 15  
♂ 7

Butantã/Vila Dalva: 12

♀ 8  
♂ 4

Aí, Ui, Fui, ficar por dentro – Santo Amaro: 12

♀ 8 ♂ 4

Santa Cecília – Biblioteca Monteiro Lobato: 10

♀ 2  
♂ 8


Interlagos/Parelheiros: 19

♀ 8  
♂ 11



# Conscientização com alegria e compromisso

A melhor maneira de retratar um Projeto que tem como base uma metodologia participativa é oferecendo amostras de suas atividades práticas. Reunimos a seguir depoimentos de jovens que atuam como “multiplicadores” do Trance esta Rede, nos quais eles explicam como entendem seu trabalho.



*“Eu sou da Corrente Libertadora. A Corrente não é uma academia de capoeira, nem um grupo que só joga capoeira. É uma associação cultural. Por isso eu gosto tanto dela. Lá estamos conhecendo e discutindo a história da escravidão, eu “injeta”(\*) e fico pesquisando. Fomos fazer uma apresentação de capoeira no EPA, Encontro Paulista de Adolescentes, que aconteceu na Biblioteca Monteiro Lobato. Eu nem sabia o que era. Fui fazer uma apresentação e acabei ficando. Lá na minha escola é o maior sistema fechado. O pessoal tem vergonha de falar ou tem preconceito. Sei lá! Um dia, eu fiquei muito nervoso. Até saí da sala no meio da aula. O professor falou que ia fazer um debate, arrumamos as carteiras e começamos a falar sobre AIDS. Todo mundo tinha preconceito sobre a AIDS. O pessoal falava “É... o aidético”, daí eu falava: a pessoa não é a AIDS; a pessoa contém o vírus. Eu sou totalmente contra o preconceito. Eu sou preconceituoso com quem tem preconceito.”*

**Marcio Vidal Marinho**, 16 anos, office-boy e estudante do 3º colegial da Escola Estadual Manoel de Paiva, morador do Jardim Ângela

(\*) Injetar é uma gíria que significa se interessar muito por determinado assunto.

*“Sou do Núcleo Butantã e estou agora na Vila Nova Conceição. Eu entrei para o Trance em abril do ano passado. Haviam formado um grupo no Instituto Butantã e aos poucos eu fui sendo encaminhada e fui entrando, entrando, entrando... Quando vi, já estava aqui. Quem chega sem saber o que é acaba ficando. Você passa por uma conscientização quando está aqui, para poder a estar passando para os outros. Eu me vejo completamente diferente de como era antes. Além disso, tem uma supertroca, tanto para quem está multiplicando quanto para os outros adolescentes. Quando você está fazendo uma multiplicação e pega um grupo de primeira, você nota que tem gente muito preconceituosa, entendeu? Mas é a partir daquela idéia de você estar fazendo uma troca e de cada um estar levantando o seu ponto de vista que se acaba quebrando um pouco isso! A pessoa vai se formando, entendeu? Falar no grupo acaba sendo mais complicado no princípio! Há uns grupos que disparam. Na escola, você acaba sendo uma espécie de indicação por estar no Trance. Todo mundo lhe procura. Seu telefone parece um 0800, todo mundo lhe liga: “Pelo amor de Deus, o que eu faço? Eu mordi a camisinha! Será que eu furei?” Mas não é uma bagagem pesada. Quando você fala que trabalha na área da sexualidade e da prevenção, você acaba sendo rotulada de galinha, ou comentam: aquela ali pega todos. Eles falam: “esse negócio de sexo, para mim, só na prática. Não interessa se for teoria. Não adianta nem você continuar falando, porque sexo só praticando”. No início, fica uma coisa muito chata. Mas se você tem consciência do que você está fazendo, nem liga e o trabalho se transforma.*

**Ledys Alexia**, 17 anos, 3º ano técnico de magistério no EESG Sefan – Butantã, moradora do Butantã



*“Pode ser em escola, em biblioteca, em uma associação de bairro, às vezes até em um barzinho. Se encontrarmos alguém com alguma dúvida, a gente está lá conversando. Nós pretendemos falar do corpo como um todo. Quando a gente fala de sexo, o adolescente vem com aquela coisa de pênis e vagina. Só relação sexual. A gente mostra que se tem prazer com o corpo inteiro. Para ele começar a notar e curtir o corpo dele. A pergunta que mais é feita é sobre a gravidez. Por que tanta gente tem ficado grávida? Daí a gente discute a questão da vulnerabilidade. A maioria sabe que tem camisinha, mas às vezes não presta atenção à validade, se está colocando de uma forma correta. Às vezes, a pessoa diz: ‘Eu sei’, mas na realidade ela nunca percebeu se faz direito mesmo.”*

**Leni do Espírito Santo, 24 anos, multiplicadora**

*“Sou adolescente multiplicadora. Eu estou em vários grupos do Trance. Comecei aqui na Vila Nova Conceição, só que faço capoeira na Corrente e coordeno oficinas na Biblioteca Monteiro Lobato. Eu cheguei ao Trance pela escola. Havia uma menina que participava e aí ela falou que ia haver um seminário aqui. Minha diretora selecionou umas pessoas que ela achava que tinham a ver. Aí eu fui junto. Daí não parei mais, desde os 13 anos. Estou desde agosto de 1999. Meu trabalho é assim: a gente trabalha em oficinas; não são aulas, não são palestras. É uma conversa de duas horas entre adolescentes. A gente discute valores, preconceitos, tabus e o dia-a-dia. Uma coisa que a gente sempre fala é que aqui, como é adolescente que fala para adolescente, a conversa é muito fácil, né? Entrei para ajudar os outros. Só que primeiro você se reformula. No GPTOS há muitos grupos de minoria e há desde gente com muita grana até gente muito ferrada. Gente rica que está muito abandonada, gente muito pobre que está bem e afim de ajudar. É muito diferenciado. A gente discute muito as diferenças, só que a gente não só discute, a gente vivencia. Quando a gente vivencia com alguém que é o “maior diferente” e começa a conviver, desencana de ter preconceito. Porque começa a ver outros pontos de vista que nunca havia tido a oportunidade e o espaço para ver, entendeu? Há diferentes adolescentes que vêm aqui. Há grupos que vêm da mesma escola e da mesma turma. Daí têm mais facilidade para falar. Para o adulto o problema (da sexualidade) já está resolvido, ou então ele é pequenininho. Só que para a gente não é. Então como eu estou falando com alguém que está passando pelas mesmas coisas, fica muito bom e todo mundo se entende. A mídia impõe o discurso de que o adolescente não sabe colocar a camisinha. O problema não é o de colocar, mas sim as situações. Por exemplo, se a menina falar com o namorado que ele tem de usar camisinha, ele vai achar que ela não gosta dele, ou que ela está chifrando ele. A gente tenta passar que é ao contrário. Tem de se proteger a pessoa de que a gente gosta e a gente também. Aqui a gente não tenta formar nenhuma opinião. A gente tenta abrir. Às vezes, na escola, você vira também a professora do sexo, por estar no Trance. Eu virei muito. Mas não vou ficar encanando com essas coisas. Eu acho muito legal as amigas virem e falarem comigo. Há de tudo na escola. Há aqueles que lhe rotulam e há gente que lhe procura com a cabeça mais aberta. O legal é que os meninos vêm conversar comigo o que eles não conversariam normalmente com as meninas.”*

**Karen Marques Ishiguro, 16 anos, 2º colegial da ETE Getúlio Vargas, moradora do Ipiranga**

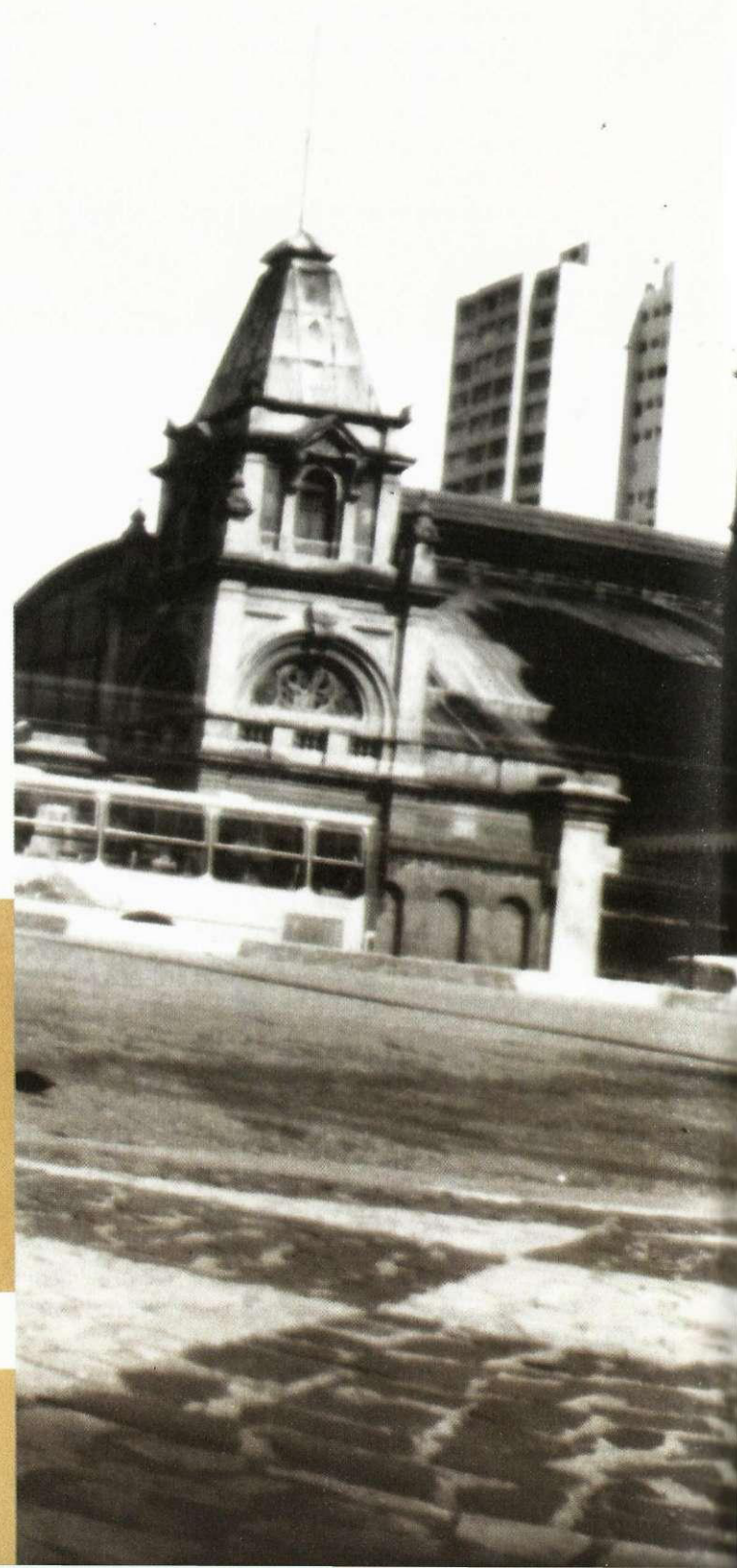
## Vulnerabilidade\*

- Estou vulnerável quando acho que nada vai acontecer comigo.
- Estou vulnerável quando não tenho alguém confiável para me ajudar quando preciso.
- Estou vulnerável à gravidez, DST e Aids quando faço qualquer coisa para ele(a) gostar de mim.
- Estou vulnerável às DSTs e à Aids quando, para transar, faço qualquer coisa.
- Estou vulnerável quando tenho medo de mostrar o que sinto.
- Estou vulnerável quando não consigo pensar por conta própria para assumir minhas opiniões.
- Estou vulnerável à DST, à Aids e à gravidez indesejada quando não sei como cuidar da minha saúde sexual.
- Estou vulnerável quando não sei me defender de situações violentas.
- Estamos todos vulneráveis quando não respeitamos a diversidade humana.

(\*) Texto extraído de material de trabalho do Trance esta Rede.



O Projeto **ImageMágica/Photo da Lata** registra a **visão de crianças e adolescentes** na faixa dos 9 ao 17 anos, de lugares distintos e representativos do planeta, e reúne **imagens, histórias e informações sobre suas vidas** e como eles **vêm o mundo**. O projeto nasceu da observação do fotógrafo André François. Ele fazia fotos para um livro seu em São Tomé das Letras, MG, quando notou o **interesse** das crianças daquela comunidade sem recursos pela fotografia. A saída foi **transformar simples latas em câmeras fotográficas**. O trabalho ganhou repercussão, recebeu apoio e ganhou **novos rumos**. A partir das imagens obtidas com as câmeras artesanais, as crianças foram levadas a desenvolver a capacidade de **re-ler o seu ambiente** e a ter **uma visão crítica da realidade**. A fotografia passou a ser instrumento de transformação.



# infant0-Juvenil dentro0 da Lata





▲ “Casarão da Praça de Socorro”, Luís (11 anos), 1999. Escola Rural Rio de Peixe, Bairro Socorro, SP, 1999.

Para atingir esse objetivo, o Projeto foi ampliado e passou a contar com diversos profissionais, dentre esses, quatro psicólogos. Um ônibus foi transformado em “laboratório itinerante”. Utilizando-se do recurso da fotografia (da confecção da máquina à discussão da imagem captada), o trabalho, desenvolvido e realizado por uma equipe transdisciplinar, procura despertar em crianças e adolescentes a

criatividade, a auto-estima e noções de cidadania, preservação, ecologia, municiando-os para poderem agir sobre sua realidade, no sentido de obter melhor qualidade de vida.

O ônibus da lata tem 11 metros de comprimento, possui acomodações para até seis pessoas, uma pequena cozinha, um banheiro, uma pequena biblioteca, laboratório para a parte úmida e seca do processo de revela-

ção e será equipado com sistema de comunicação via satélite para transmissão de dados e voz via Internet. Por fim, uma sala na parte posterior também funciona como uma “máquina fotográfica gigante”. Um pequeno orifício no painel traseiro permite, fechadas as janelas da “sala”, que se veja a formação da imagem em um anteparo, como se estivéssemos dentro de uma câmara gigante.

O ônibus da Lata ganhou chão e passou a correr mundo. Numa primeira etapa, a ser desenvolvida entre 2001 e 2002 durante doze meses, serão desenvolvidas atividades em onze localidades do Brasil, envolvendo todas as regiões do país. Serão percorridos 16 mil quilômetros, abrangendo cerca de 15 mil crianças. Na segunda etapa, com duração prevista de 4 anos, serão visitados 28 países, totalizando aproximadamente 170 mil quilômetros, o equivalente a 5 voltas ao redor do planeta. Estima-se que, ao final dessa jornada, 300 mil jovens tenham efetuado o curso do Photo na Lata e mais de 4 mil multiplicadores estejam treinados.

▼ Sem título, Mara (13 anos), Escola Municipal Cândido Portinari, Campo Perus, São Paulo, SP.





▲ “Sujeira com a cidade”, Vivian (15 anos), 1999. Campo – Centro da Juventude – ACM Lapa, São Paulo, SP.

O acervo fotográfico das diversas regiões e etnias do planeta possibilitará questionamentos sobre a relação do homem com seu meio e terá um valor inestimável que ajudará na interpretação social, auxiliando a responder a diversas questões mundiais. Esse é o resultado do trabalho fotográfico: um espelho da vida real através de imagens mágicas. Os psicólogos que compõem o grupo fazem o treinamento das equipes de campo (no que se re-

fere à abordagem das comunidades) e estabelecem estratégias de motivação e mobilização de crianças, adolescentes e educadores assistidos. Desenvolvem ainda, com outros profissionais da área de educação e ciências humanas, uma série de pesquisas sobre costumes, valores, comportamentos, relações comunitárias e capacidade transformadora.

Dessas pesquisas resultarão documentários em vídeo e três livros: “O Olhar das Novas Gera-

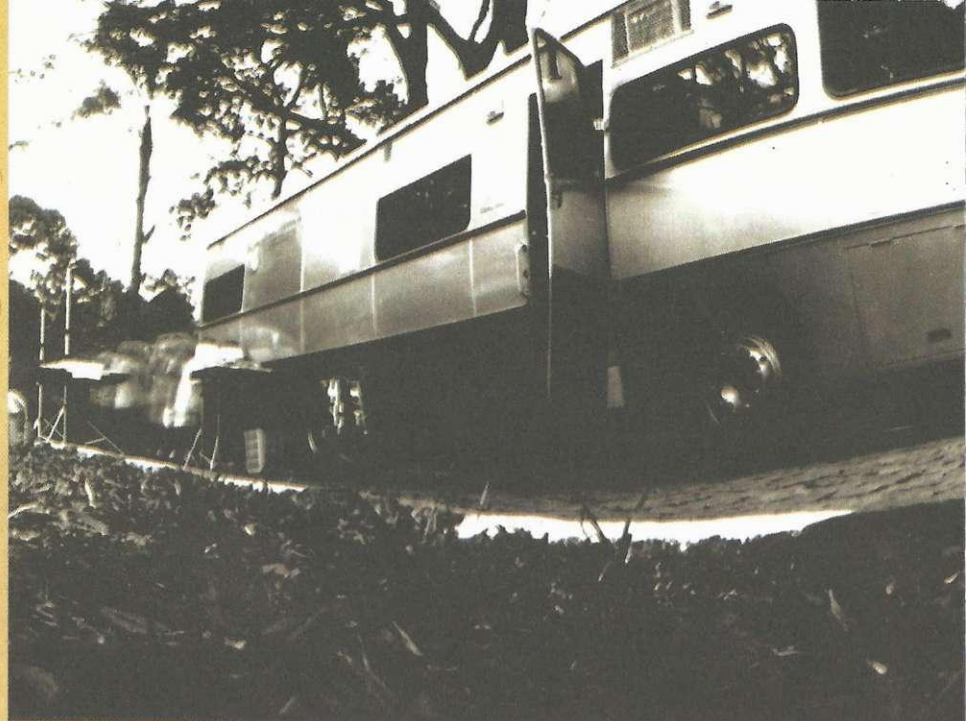
ções”, “Técnicas de Educação Fora de Sala de Aula” e “Diário de Bordo”, contendo imagens, depoimentos, descrição de técnicas utilizadas e dos resultados observados. Em 2001, o Projeto Photo na Lata foi aprovado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para ser efetuado em todas as diversas Diretorias de Ensino. Cerca de 6 mil educadores terão acesso ao Projeto, de forma direta ou via multiplicadores, atendendo a um universo de 35 mil crianças.



“Esse é o resultado do trabalho fotográfico: um espelho da vida real através de imagens mágicas.”



[www.imagemagica.com.br](http://www.imagemagica.com.br)

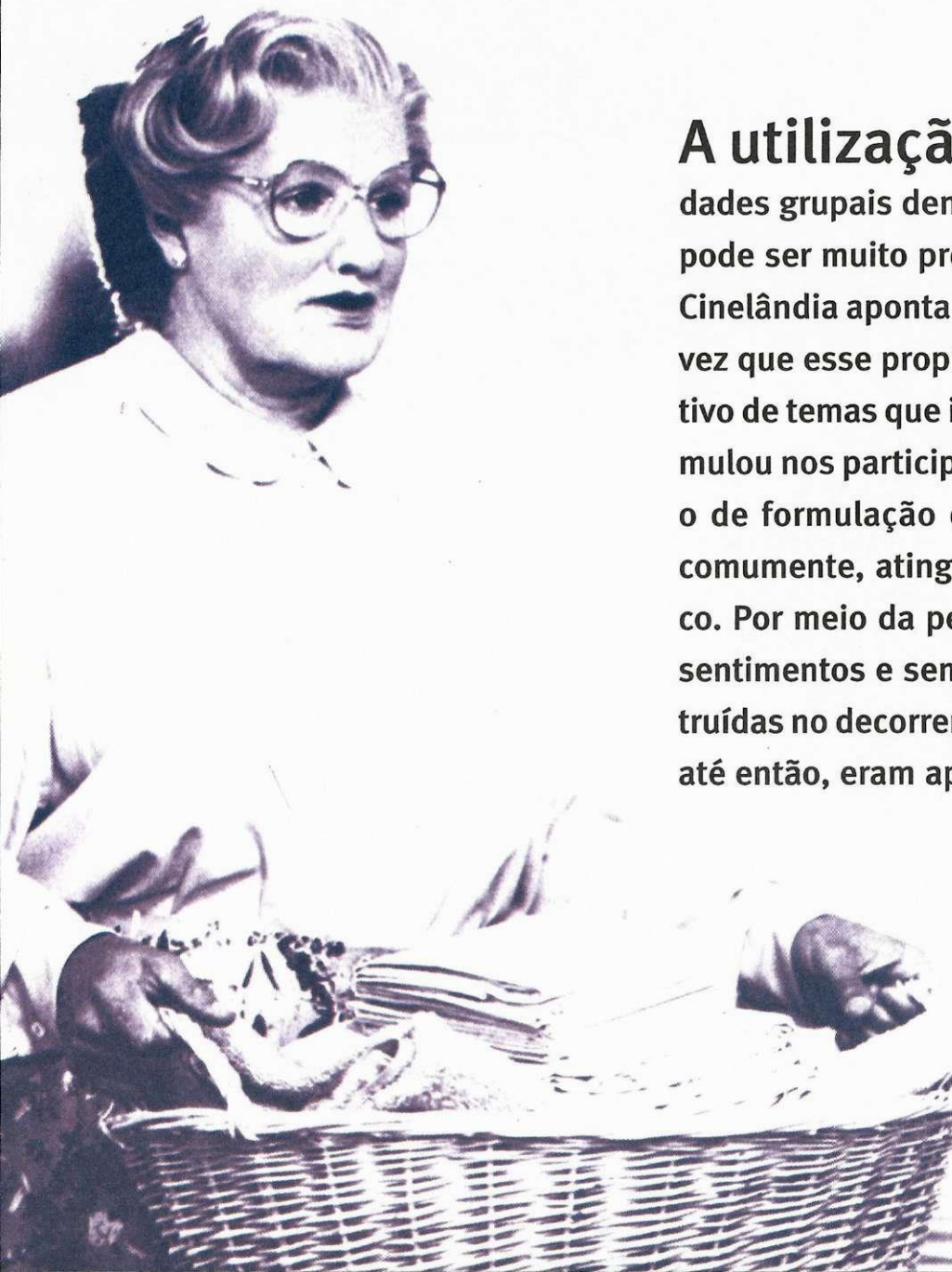


▼ “Natureza”, Heliel (13 anos), Escola Rural Rio de Peixe, Bairro Socorro, SP, 1999.

▲ “Bumba da Lata”, Marlei (14 anos), 1999. Campo – Centro da Juventude – ACM Lapa, São Paulo, SP.



# O cinema no tratamento de psicoses e neuroses graves



**A utilização do cinema** como recurso em atividades grupais dentro da clínica de psicoses e neuroses graves pode ser muito proveitosa.<sup>1</sup> O relato da experiência do Projeto Cinelândia aponta desdobramentos terapêuticos notáveis, uma vez que esse propiciou o mapeamento e o enfrentamento coletivo de temas que intrigavam a maioria do grupo. O Projeto estimulou nos participantes o exercício de traduzibilidade, ou seja, o de formulação de teorias explicativas para questões que, comumente, atingem suas vidas de modo abrupto e enigmático. Por meio da percepção, da memória, da troca de opiniões, sentimentos e sensações, algumas versões foram sendo construídas no decorrer dos encontros, rumo a respostas para o que, até então, eram apenas sintomas.

◀ Robin Williams em "Uma babá quase perfeita".

O Projeto Cinelândia nasceu em março de 1998, fruto de uma exigência curricular do curso de dois anos de aprimoramento multidisciplinar em saúde mental desenvolvido no CAPS-PIDA, Centro de Atenção Psicossocial vinculado à Secretaria Estadual de Saúde e à Universidade de São Paulo. Solicitava-se que os aprimorandos criassem e coordenassem, em dupla, um trabalho de grupo que, somado aos demais dispositivos institucionais oferecidos, contribuísse para o tratamento e a reabilitação psicossocial dos usuários daquela casa, ou seja, pessoas com transtornos psíquicos severos, diagnosticadas como psicóticas ou neuróticas graves.

A opção pela linguagem cinematográfica deu-se por essa ser sabidamente rica e acessível, por contemplar imagens, cores, enredo, temporalidade, música, além de um farto repertório temático. Como a duração de cada encontro semanal era de apenas uma hora, o Cinelândia estruturou-se em três momentos: escolha de uma cena de filme pelas coordenadoras, apresentação da cena ao grupo no início das sessões e debate destinado à troca de impressões, sensações, lembranças, sentimentos e indagações despertados pela cena. Contudo, uma dificuldade logo apareceu: com que embasamentos escolher os segmentos apropriados?

Inicialmente, a seleção das cenas era feita pelas coordenadoras do Projeto, seguindo critérios não muito precisos. Dava-se segundo motivações imediatas, de acordo com o que se imaginava ser conveniente ao grupo. O filme “escolhido” era assistido mais de uma vez, à procura do ato cênico apropriado. O intuito era promover identificações dos pacientes com os problemas e com as situações vividos pelos personagens e, assim, favorecer alguma elaboração possível, por meio da qual o sofrimento pudesse ser traduzido em palavras. Todavia, temiam-se eventuais desdobramentos complicados decorrentes da apresentação de cenas que

retratassem situações de dor, medo, abandono, perda e tudo aquilo que é difícil na vida, sobretudo para quem adoeceu.

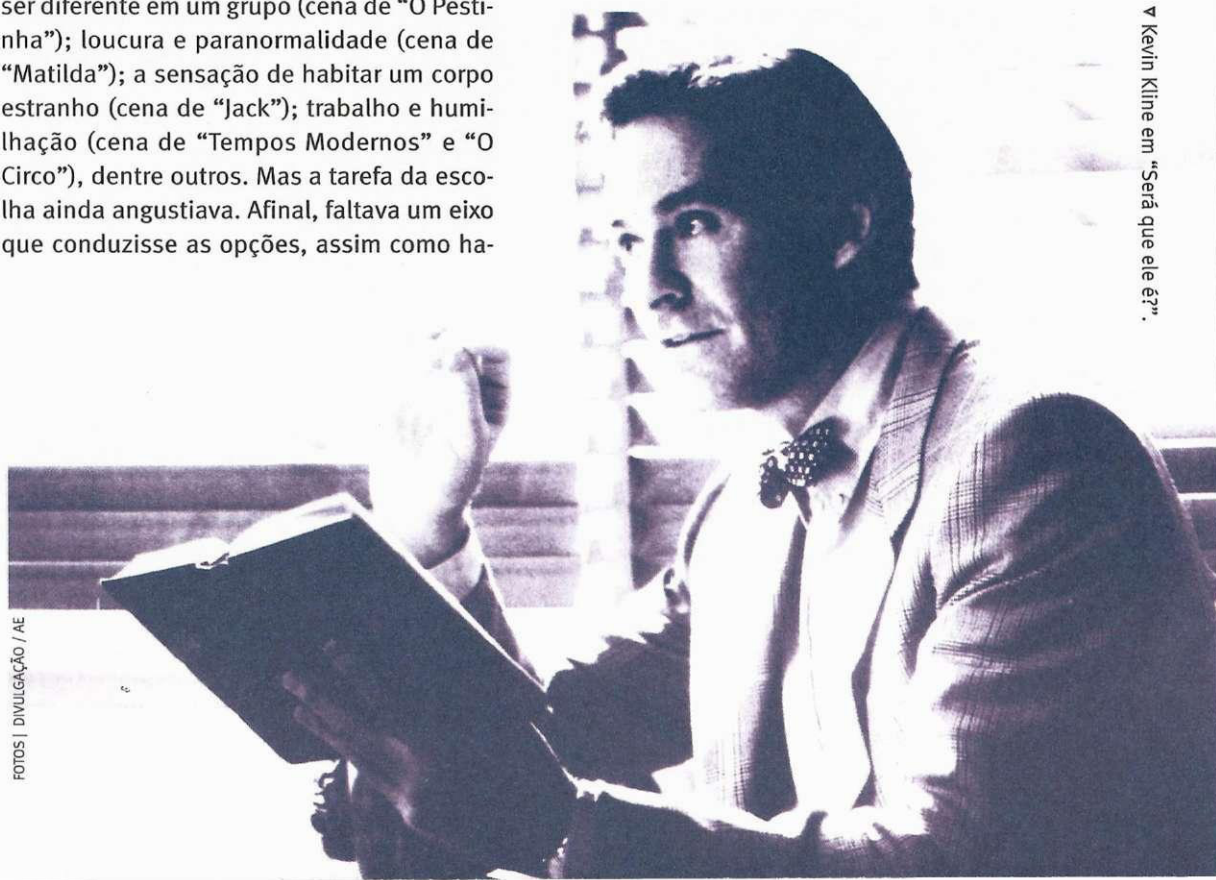
Houve até um período em que a escolha recaía apenas em secções engraçadas e descontraídas, com mensagens evidentes e atores famosos. Mas, pelo próprio objetivo terapêutico do Projeto, outras vezes a decisão foi tomada em direção a películas “fortes”, cuja temática incômoda aludia a dramas familiares e sociais, próprios do que há de mais agudo no mundo das relações humanas. Era preciso fazer os recortes de modo a preservar uma coerência interna ao trecho selecionado, de maneira que esse prescindisse do restante do filme. Para tanto, passamos a contextualizar brevemente as cenas antes de apresentá-las. Essa introdução serviu também para dividir com o grupo a responsabilidade pelo que quer que a cena despertasse: os incomodados, por exemplo, tinham a opção de sair da sala e retornarem posteriormente.

Nos primeiros meses, vários assuntos estiveram em pauta: medos (cena de “Gasparzinho”, do curta-metragem “A Porta Aberta”); ser diferente em um grupo (cena de “O Pesteinha”); loucura e paranormalidade (cena de “Matilda”); a sensação de habitar um corpo estranho (cena de “Jack”); trabalho e humilhação (cena de “Tempos Modernos” e “O Circo”), dentre outros. Mas a tarefa da escolha ainda angustiava. Afinal, faltava um eixo que conduzisse as opções, assim como ha-

bilidade para aprofundar os assuntos mais mobilizadores. Esses, longe de serem esgotados em uma única sessão, deixavam lacunas que ainda não eram percebidas, uma vez que se trabalhava de modo mais superficial e temeroso, acreditando poupar o grupo de conteúdos “pesados” ou “difíceis” – ameaçadores, ao fim e ao cabo, também para as coordenadoras, ambas jovens.

### Males que vêm para bem

Um dia o vídeo falhou. Problemas com o aparelho já haviam ocorrido antes, provocando reações diversas, como sair da sala, reclamar, dormir, cantar e até mesmo contar histórias de outros filmes. Mas, nesse dia, cinco meses após o início do Cinelândia, havia uma nova integrante no grupo: Cida<sup>2</sup>, que acabou sendo a porta-voz da vontade geral de não deixar o Projeto se perder. Sugeri: “Por que não aproveitamos então para discutir temas como, por exemplo: prostituição, crime ou beleza?”. Sendo o tempo limitado para se falar de tan-



FOTOS | DIVULGAÇÃO / AE

tas coisas, escrevemos em uma lousa as sugestões de cada participante e as ligamos, respectivamente, a seus nomes. Propuseram homossexualidade, família, prostituição, luta, vaidade, dentre outros. Não era a primeira vez que se manifestavam, pois freqüentemente pediam, inquietos, uma série de filmes, às vezes fazendo-nos sentir como “videotecas ambulantes”.

Mas foi preciso o vídeo falhar para que houvesse uma quebra nesse funcionamento automático – aqui não só no sentido literal do termo – que tanto limitava a escuta. A participação de Cida também foi fundamental: diferentemente de nós, coordenadoras, ela não se frustrara com a falha técnica. Afinal, tudo para ela era novo. Sua vontade era falar. E isso possibilitou que os pedidos deixassem de vir sob a forma de uma súplica impaciente por títulos e atores (que, se atendida, no máximo aquietaria uma espécie de fome imagética). Essa demanda foi traduzida em temas de interesse. Ao manifestar-se, Cida deixou no ar uma pergunta: por que cada um de vocês está aqui? A partir disso, a seleção das cenas passou a ser determinada pelo próprio movimento exploratório do grupo: começávamos a reconhecer o que importava para cada um.

A nova fase inaugurou-se com o tema da homossexualidade, pois na semana anterior a menção do assunto já causara rebuliço. Exibimos uma cena de “Para Wong Foo, Obrigado Por Tudo”, cujos personagens principais são *drag queens*. O impacto foi enorme, comparando falas interessantes, dentre elas:

*Rivaldo: “Eles eram homens ou mulheres?”*

*Elineu: “Eles eram transformistas! A Roberta Close também virou mulher, mas não pode engravidar...”*

*Rivaldo: “No filme que eu vi da babá, o homem tá de mulher e faz xixi pra frente...”*

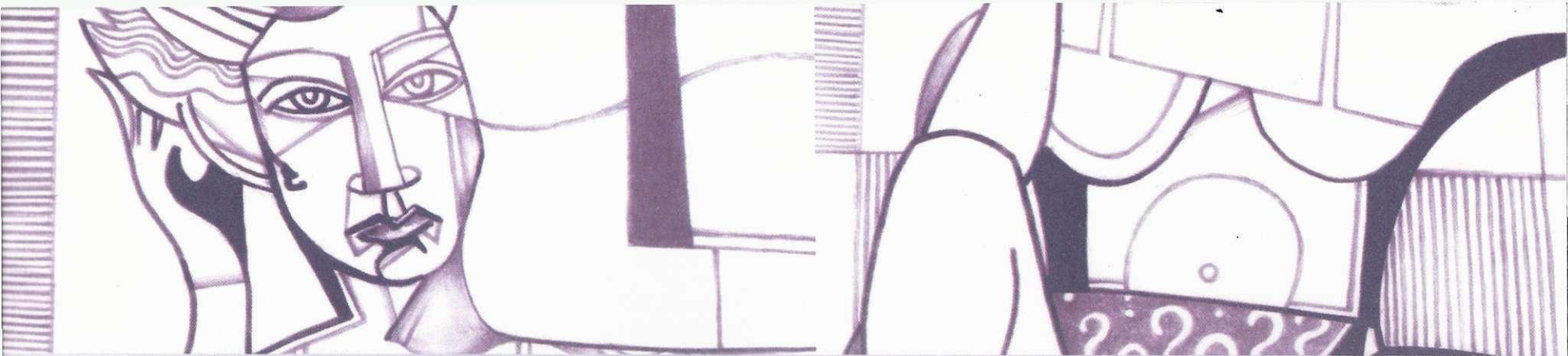
A discussão nesse dia havia se organizado em torno da elaboração de respostas para três perguntas – aparentemente óbvias – que, no

entanto, não haviam sido enunciadas: 1) Como e por que um homem se transforma em mulher? 2) Qual a diferença entre ser mulher e ser transformista? 3) O que é ser mulher? É ter filhos?

A lembrança de Rivaldo foi a pista para prosseguirmos na investigação de algo que se revelava anterior à questão da homossexualidade: a própria diferença de sexos. Assim, pela primeira vez, chegaríamos à locadora já sabendo o filme – e até mesmo a cena – que queríamos para a semana seguinte: “Uma Babá Quase Perfeita”, trecho em que o pai se traveste de babá e é flagrado pelo filho ao urinar como homem. Tratava-se de uma outra situação na qual um homem se “transformava” em mulher, porém de outro modo e com outra finalidade. Seria ele também identificado a um transformista? Exibir essa cena foi o bastante para aquecer a discussão subsequente e promover a lembrança de outras cenas – inclusive pessoais – que iam, pouco a pouco, convertendo-se em questões e aguçando o exercício conjunto de decifração dos enigmas lançados.

Durante três meses, os filmes e as conversas debruçaram-se sobre assuntos relacionados ao campo da sexualidade. De maneira simplificada, podemos fazer algumas correspondências: “Para Wong Foo, Obrigado Por Tudo” (diferenciação sexual); “Uma Babá Quase Perfeita” (identidade sexual, maternidade, paternidade), “Forrest Gump, O Contador de Histórias” (sedução, primeira experiência sexual, virgindade, família); “O Homem Nu” (corpo, vergonha, transa, promiscuidade); “Memórias Secretas” (amor, sexo, relacionamento); “Como Ser Solteiro?” (casamento, solidão, masturbação); “Nove Meses” (gravidez, ciúme, tesão); “Será Que Ele É?” (homossexualidade, preconceito); “Shine” (sexualidade e loucura). Não será possível retratar

aqui todas as cenas escolhidas e o modo como a comunicação no grupo teceu encadeamentos temáticos. Mas era isso que se via: o Cine-lândia adquirira vida própria. Estava percorrendo um caminho de autoconstrução, para além de nossos desejos e expectativas. Toda segunda-feira, havia uma espécie de excitação no ar: cada vez mais pessoas ocupavam as cadeiras e o chão. Perguntavam pelo filme do dia, faziam piadas com malícia, davam risada. Foi então que um participante apelidou o projeto de “sexolândia”.



A Ilustração desenvolvida por usuário do CAPS-PIDA, Projeto Cinelândia

### Da sexolândia aos universos da loucura

Em certo encontro, foi exibida uma cena de “Shine”, com a qual se pretendia abordar o tema da conquista por meio de David – personagem rapidamente identificado a um louco: falava sem parar, de modo acelerado e confuso. Vale a pena transcrever parte da conversa no grupo:

*Cida: “Eles ficaram juntos porque ela era pa-  
jem, enfermeira...”*

*José: “Não, foi porque ele a conquistou com  
sua música...”*

*Artur: “A música o enlouqueceu. Às vezes você  
quer ser um Mozart e não é, aí você enlou-  
quece!”*

*Lúcio: “Eu tocava bateria, mas não toco mais,  
vendí. Acho que ele se acalma com a músí-  
ca.”*

*Artur: “Ele enlouqueceu por causa da música.”*

*Lúcio: “Aí não mostra como ele enlouqueceu!”*

*José: “Ou ele nasceu louco ou enlouqueceu  
quando era jovem. Mas deve ter um QI  
muito elevado...”*

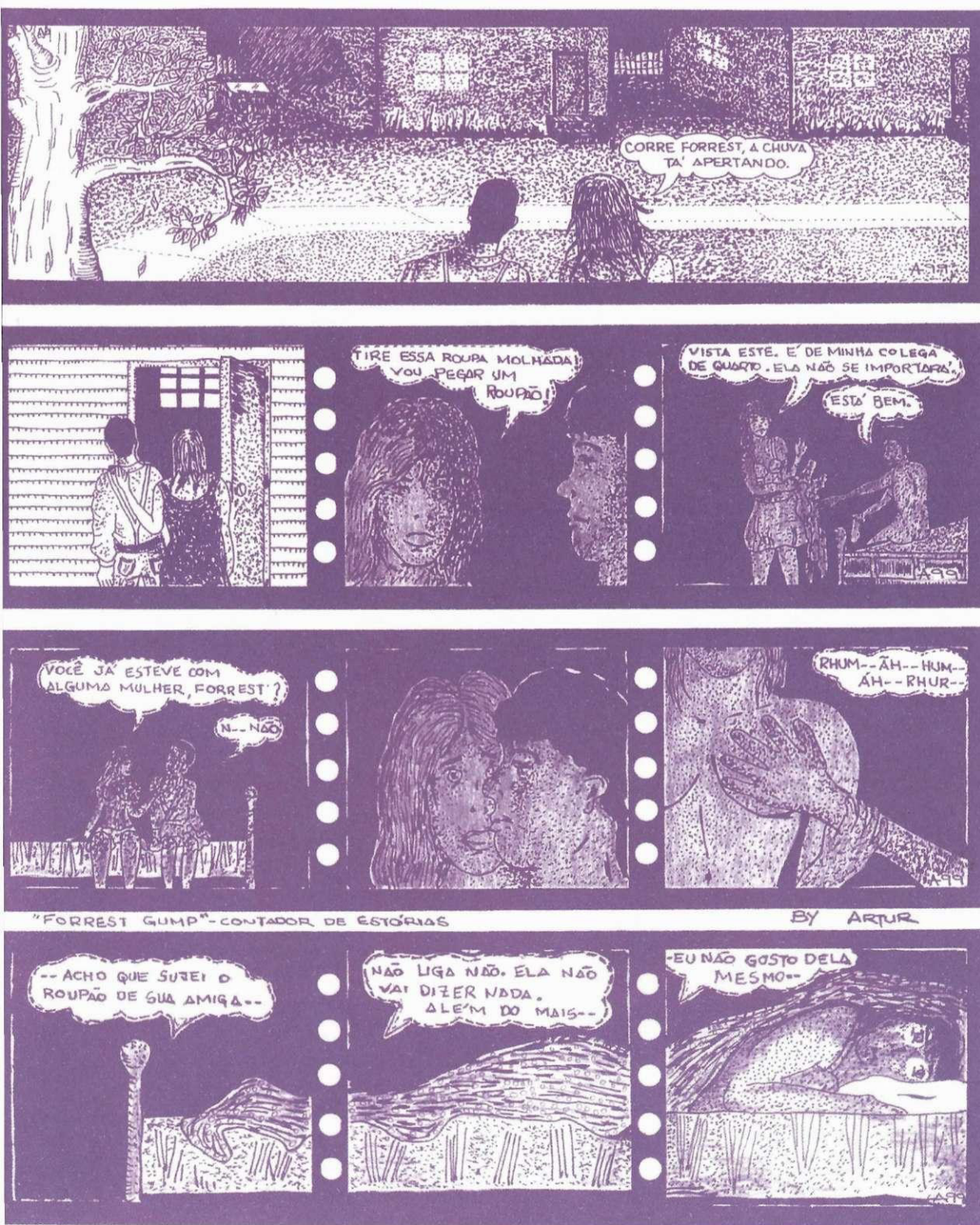
Uma das questões que mais intrigou o grupo foi: “Como pode um louco ter talento e ser amado por alguém que não é louco?”. Alguns tentavam explicar aquele casamento devido à compaixão dela por ele. Outros, por um “algo mais” atribuído a ele, o dom para música e um alto QI. Ao fim do encontro, os participantes quiseram saber a origem da loucura do perso-

nagem, indagando se o filme mostrava como e quando isso havia acontecido. Assim, selecionou-se uma cena do início do filme: David ainda era garoto e vivia uma relação de amor e ódio com seu pai que, severamente, lhe exigia que tocasse piano com perfeição, desejo que tivera para si, mas não conseguira realizar. Empreenderíamos, portanto, a pesquisa da origem de sua(s) loucura(s). Iniciava-se uma nova fase do Projeto: menos entusiasmada, mas não menos intensa. Por cerca de três meses, o Cinelândia abordou a pesquisa dos universos da loucura por meio dos seguintes filmes e assuntos: “Shine” (possíveis origens da loucura); “Melhor é Impossível” (as manias, os medos e as chances de superá-los); “Boleiros” (preconceito); “O Homem da Linha” (isolamento e estranheza); “Por Dúvida das Vias” (loucuras no mundo do trabalho); dentre outros.

Os participantes abstraíam elementos da cena que lhes serviam para justificar algumas teorias. Tal como outros estímulos perceptivos, a cena possui características partilhadas, ao mesmo tempo em que guarda ambigüidades – ou lacunas – sobre as quais se projetam elementos do mundo intersubjetivo do observador. Por meio desse fenômeno, o pesquisador pode desvelar algumas crenças e sentimentos que, muito provavelmente, organizam aquela vida psíquica, sobretudo quando certas tendências interpretativas se repetem no discurso

do sujeito diante de narrativas e cenas diferentes. Para ilustrar essa idéia, foi usado um trecho de “Forrest Gump”<sup>3</sup> em que o casal protagonista corre debaixo de chuva para se abrigar na moradia estudantil da moça. Lá chegando, ela sugere que tirem a roupa ensopada e lhe oferece o roupão da colega de quarto. Nesse momento, ela tira a própria blusa, apanha a mão de Forrest e coloca-a sobre seu seio. Constrangido, pois nunca estivera com uma mulher seminua, ele não a olha, embora sua mão continue ali. Forrest então solta alguns gemidos que, em crescente excitação, culminam em um urro de gozo, após o qual lamenta ter sujado o roupão. Nesse instante, a câmera sobe, movimenta-se até a cama da colega supostamente adormecida de costas e revela ao espectador o que os próprios personagens não sabiam: com uma expressão de nojo, a companheira de quarto estava acordada escutando tudo, inclusive o que Jane responde a Forrest: “– Não liga, não, Forrest, eu não gosto dela mesmo!...”.

Após a cena, Cida manifesta sua indignação pelo fato de o casal ter transado na frente da mãe, que ficou furiosa. Curioso que não apenas ela, mas vários no grupo haviam visto uma transa ali. Aliás, tal como Cida, outros também julgaram que a terceira pessoa no quarto fosse a mãe. Ao falarmos sobre sexualidade, esbarrávamos, inevitavelmente, em questões familiares. Como terapeutas, estávamos imbuídas de uma atitude investigativa:



▲ Ilustração desenvolvida por usuário do CAPS-PIDA, Projeto Cinelândia

interessava o que se passava também fora do Cinelândia. Nas conversas informais, nos dados de prontuário, em estudos e teorias, nos contatos com pessoas relacionadas aos sujeitos, nas reuniões clínicas e supervisões, nas histórias e cenas de cada um, enfim, no cotidiano institucional.

Era preciso buscar – considerando alguns denominadores comuns à psicose e à neurose, além das singularidades irreduzíveis a generalizações – aquilo que pudesse ajudá-los a compreender e a intervir nessas subjetividades adoecidas. Ao longo da jornada, concluímos que para tratar é preciso pesquisar. Pesquisar inclusive as maneiras de despertar nos sujeitos que tratamos o desejo de que pesquisessem também, enfrentem questões antigas e abram novos caminhos de entendimento e manejo de seus sofrimentos.

### Contribuições de Jean Laplanche

Um dos assuntos sobre os quais o psicanalista Jean Laplanche se debruçou foi a fantasia. Segundo o autor, as fantasias inconscientes têm sua matriz em mensagens enigmáticas, ou seja, enunciados cuja significação foi perdida ou prejudicada pelo receptor, muitas vezes não sendo clara para o próprio emissor. Enigma, para Laplanche, está sempre relacionado à origem de algo. Por exemplo, ligado à origem da sexualidade humana, à origem do indivíduo, à origem da diferença de sexos ou mesmo à origem da loucura. Em seu caráter originário, o enigma suscita perguntas do tipo: “De onde veio isso? Como começou?”. São perguntas para as quais cada indivíduo, submetido a influências biológicas, históricas, socioculturais e psíquicas, construirá as próprias respostas ou não.

O impacto de comunicações ambíguas sobre o indivíduo é algo que Laplanche considera universal. Entretanto, há vários modos de se traduzir e de se responder a elas. Se, simplificada, aproximamos essa idéia das principais psicopatologias abordadas pela psica-

nálise, poderemos supor, à maneira laplancheana, três modos diferentes de lidar com o enigma:

- 1 pode-se suportar sua falta de sentido e a angústia que ele mobiliza e, ao longo do tempo, elaborar, por meio da consciência, respostas para aquilo que antes não se compreendia (essa seria a saída psíquica mais saudável);
- 2 pode-se enfrentá-lo parcialmente, deformando-o ou afastando-o da consciência, o que prejudica sua simbolização (como no mecanismo do recalque neurótico);
- 3 pode-se negá-lo (alguns associariam esse mecanismo ao da forclusão psicótica): não conseguindo suportar a angústia da mensagem enigmática, o indivíduo assume, como última estratégia de autopreservação, uma posição de alienação brutal em relação à possibilidade de simbolizar as experiências intersubjetivas de impacto.

Ao abordar a instauração do inconsciente na teoria freudiana, Laplanche insiste na idéia de que o recalque é um processo que se opera em dois tempos: num primeiro, o indivíduo participa de relações sexualizadas sem que possua aparato simbólico para significá-las – é um tempo pré-sexual. Segundo Freud, a sexualidade se anuncia muito cedo ao ser humano, desde os cuidados dispensados pela mãe para com a criança: ao ser surpreendida pela mensagem “sedutora” da mãe ou de outro alguém (como um toque, um olhar, um gesto), de conteúdo enigmático (para qualquer emissor, mas principalmente para a criança), opera-se o recalque, por meio do qual os restos não simbolizados do enigma se articulam por meio de “processos primários inconscientes”.<sup>4</sup>

Após a puberdade, portanto num momento em que o organismo já possui maturidade sexual, o indivíduo se depara com novos enunciados enigmáticos, embora agora já possua maior capacidade simbólica. O contato com a nova mensagem de teor ambíguo – por exem-

plo uma abordagem sedutora – pode ativar os restos não simbolizados daquela primeira situação, e assim, os afetos que se desprenderam podem então vir à tona, uma vez que se ligaram à situação vigente por contigüidade ou semelhança. Por isso Freud dizia que as histéricas sofrem de reminiscências, um ataque que vem de dentro, ativado por algum estímulo atual que produz uma sensação ruim já vivida no passado, porém não compreendida, e aparentemente sem relação com o presente.

Acreditamos que, nas psicoses e neuroses graves, muito precocemente o indivíduo tenha sido exposto a situações nas quais os conteúdos enigmáticos se associaram a uma extrema violência, o que pode ter prejudicado enormemente a capacidade de elaboração simbólica futura. Desse modo, o posterior contato com novas situações enigmáticas pode despertar confusão, angústia e sintomas diversos, manifestações que revelam o quanto os enigmas de outrora lhes “perfuraram”. Numa tentativa saudável de compreender aquilo que o assombra, o indivíduo constrói discursos delirantes, cuja concatenação muito se assemelha aos processos primários inconscientes descritos por Freud.

Não cabe aqui prosseguir na teorização freudiana iluminada pela leitura de Laplanche. Mas é importante ressaltar que, apesar de certas tendências biologizantes presentes ao longo da obra freudiana, Laplanche resgata, com maestria, o aspecto intersubjetivo que perpassa a psicanálise de Freud. E, se estamos falando de enigmas, do surgimento da sexualidade humana, da diferenciação de sexos, da loucura etc., adentramos o terreno dos fenômenos históricos, culturais e intersubjetivos por excelência, e não o de instintos ou esquemas fixos que precedem o sujeito.



Thaís Seltzer Goldstein e Sylvia Vaie  
Coordenadoras do Projeto Cinelândia

▼ Tom Hanks em “Forrest Gump, o contador de histórias”.

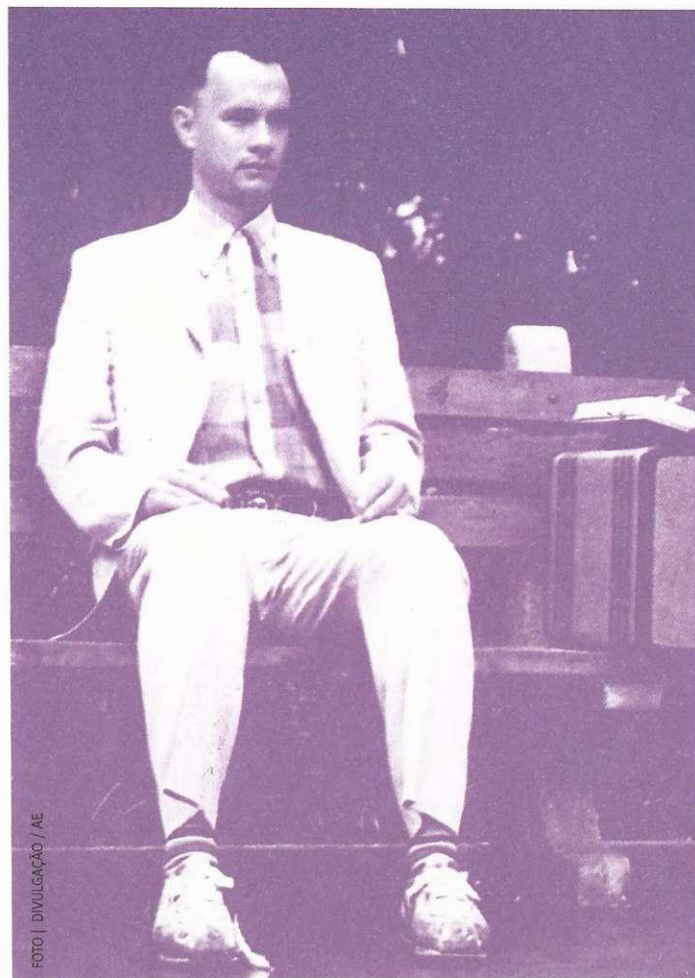


FOTO | DIVULGAÇÃO / AE

## Notas

- 1 Esse trabalho pode também se estender a outros tipos de grupo, uma vez que é inegável o poder da imagem em suscitar nos espectadores reações e reflexões diversas.
- 2 Os nomes são todos fictícios, para evitar eventuais constrangimentos.
- 3 Essa cena está retratada na ilustração em quadinhos.
- 4 Chamados “*primários*” porque são processos em que a simbolização é primária, bizarra: os significantes permanecem assignificados e as representações se desprendem dos respectivos afetos, que passam a transitar, anarquicamente, entre várias outras representações inconscientes. Essas associam-se de modo arbitrário, não-sistemático e pouco inteligível (chamados de processos de “*condensação*” e “*deslocamento*”).

intervenção {

# CLÍNICA AMPLIADA é prática do psicólogo na SAÚDE PÚBLICA



A PUC de Campinas – PUCCamp – organiza, desde o final da década de 70, currículos para formação de profissionais que atendem às propostas da Organização Mundial da Saúde – OMS – e que atuam nas novas necessidades de serviços, em colaboração com as redes públicas. Para isso, foram criados três Postos de Saúde Comunitários, compondo informalmente a Rede Primária de Saúde de Campinas, SP. O programa cresceu e tornou-se referência para essa área. Inicialmente, trabalhou-se medicina preventiva e enfermagem; depois, terapia ocupacional, fisioterapia, nutrição, farmácia, Psicologia, fonoaudiologia e psiquiatria. Além de aumentar o número de disciplinas em estágios, ampliou-se também a qualidade da educação: inicialmente o estágio era feito apenas na etapa final da graduação; hoje, existem cursos nos de especialização e aprimoramento.

A Nas fotos, localidades atendidas pelos Centros de Saúde e atividade da equipe de Saúde Mental, Campinas, SP.





Em 1986, o Instituto de Psicologia da PUC-Camp começou a oferecer o estágio supervisionado de Psicologia Clínica em Centro de Saúde. Essa iniciativa representou experiência inovadora para a formação do psicólogo, colocando-o mais próximo da comunidade e tornando-o um estudioso do contexto social de seus clientes, um formulador de projetos terapêuticos para grupos específicos e, principalmente, planejador e executor de ações multidisciplinares com as demais profissões envolvidas na saúde pública. Isso trouxe um novo raciocínio clínico-epidemiológico para a Psicologia, até então fora do alcance da prática profissional do psicólogo.

A partir de 1990, iniciou-se uma integração com a Prefeitura Municipal de Campinas, tendo ocorrido a extensão dos campos de estágio para Centros de Saúde mistos (Universidade – Prefeitura). Os docentes passaram a ser solicitados também para supervisionar novas ações de equipes multiprofissionais de saúde mental da Rede Básica Municipal e a participar da seleção de profissionais para essa rede. Com essas atividades, a PUCCamp contribuía

para o atendimento da demanda e responsabilizava-se pela formação de profissionais capazes para a elaboração de novas práticas.

### O psicólogo na rede pública

A atuação do psicólogo na saúde pública exigiu uma transformação de alguns princípios básicos da clínica psicológica: o enquadre, o contrato, a impessoalidade e o terapêutico. O enquadre sai do consultório e passa à instituição, exigindo a interação com o meio em que vive o indivíduo. E mais, passa a considerar a rua e o domicílio como *settings*. O contato vai da abordagem individual – a relação entre cliente e terapeuta – à vida, ao trabalho e ao lazer. A impessoalidade dá lugar ao empréstimo de poder contratual à pessoa para sua reabilitação psicossocial. Enfim, ampliou-se o conceito da clínica e mudou-se o próprio modelo de trabalhar a patologia instalada, que vai da prevenção à promoção de saúde ao trabalhar o adoecido. O terapeuta torna-se parte de uma equipe (não apenas o psicólogo) para uma atenção integral à saúde das pessoas.

Dessa forma, o estágio supervisionado em

Clínica na Saúde Pública propõe um projeto de intervenção e pesquisa na área de clínica ampliada. Cada aluno, além de vivenciar a psicoterapia no consultório, tem oportunidade de trabalhar educação em saúde, acompanhamento terapêutico, convivência para a reabilitação de doentes crônicos, grupos de risco adulto e infantil e um trabalho em equipe multiprofissional com outras instituições (governamentais ou não, de saúde, de assistência social, da justiça ou mesmo da comunidade).

### O estágio

O objetivo do estágio é formar novos profissionais para o Sistema Único de Saúde – SUS, com capacidade em Psicologia Clínica, Social e Comunitária. O aluno tem a oportunidade de conhecer o sistema, a organização, os problemas e as tarefas nos trabalhos em saúde pública. No decorrer desses anos todos em que vem se desenvolvendo, o estágio acompanhou as mudanças no cenário nacional da área de saúde e das práticas “psi”, como a Psicologia Comunitária e Institucional de Bleger (1984), de Lane e de Codo (1985), viu sur-



**“O terapeuta torna-se parte de uma equipe (não apenas o psicólogo) para uma atenção integral à saúde das pessoas.”**

gir e participou das Ações Integradas de Saúde – AIS –, da criação dos Conselhos Interinstitucionais de Saúde e da implantação das equipes mínimas de saúde mental na rede básica do Estado de São Paulo (1983). Acompanhou a criação e a implantação do SUS (1988), do ECA (1990), da política de Saúde Mental da II CNSM (1992) e da LOAS (1993).

Nesse percurso, o princípio norteador da formação que se oferece hoje, a Clínica Ampliada, que leva em conta toda a interação, o conflito e o convívio, enfim, todo o entorno do paciente, mobiliza-se para a busca de resultados no contexto social em que o paciente vive, envolvendo a clínica, a comunidade e a política. Como diz Benilton Bezerra: “Fazer clínica não é apenas lidar com a interioridade psicológica do sujeito, mas lidar com a rede de subjetividade que o envolve, o que implica não apenas essa interioridade, mas todas as formas de estímulos que, no campo da alteridade, se apresentam para ele, como causa de sua ação. Ou seja, teremos uma idéia precisa da importância da noção de clínica ampliada, teremos uma concepção exata do quanto pensar na clínica é pen-

sar em criar instrumentos, *settings*, modalidades de intervenção com objetos, com palavras, com silêncios que produzam e provoquem reações que apontem para uma plurificação da capacidade daquele sujeito de ordenar suas práticas psíquicas sociais de modo mais criativo”.

A Clínica apresenta-se como o disparador de uma atuação que terá como foco o paciente ou o grupo de pacientes que será cuidado até uma resolução ou um encaminhamento da queixa apresentada. Isso implica, além da atuação clínica tradicional, do psicodiagnóstico, da psicoterapia e do aconselhamento, outras práticas, como visita ou atendimento domiciliar, acompanhamento terapêutico, estímulo à convivência em outros setores públicos de lazer, reuniões e discussão com a escola ou outros órgãos públicos – vara da infância, conselho tutelar, delegacia da mulher, serviços de apoio à família, programas de renda mínima etc. Nessa experiência, o futuro psicólogo entra em contato com práticas políticas e sociais, sendo não apenas aprendiz de Psicologia, mas um cidadão protagonista do aprendizado em Psicologia.

◀ Comunidade atendida e fachadas dos Centros de Saúde Integração e Dr. Pedro Aquino, Campinas, SP.

**“... o futuro psicólogo entra em contato com práticas políticas e sociais, sendo não apenas aprendiz de Psicologia, mas um cidadão protagonista do aprendizado em Psicologia.”**



} Elza Lauretti Guarido e Florianita Coelho B. Campos.

FOTOS | ARQUIVO DO PROJETO

relato {

# ExPressão, para rEssignificAr

**A dura arte de praticar** desenvolvimento humano com adolescentes autores de atos infracionais internos numa instituição estruturada apenas com o objetivo de excluir e confinar, contrariando a própria lei federal que trata do assunto, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente.

## a vida do adolescente na Febem

O ano de 1999 foi marcado pela ocorrência de diversas rebeliões na Febem – Fundação Estadual do Bem-estar do Menor de São Paulo –, órgão subordinado ao Governo do Estado destinado ao atendimento de adolescentes autores de atos infracionais na faixa dos 12 aos 18 anos. Foi também o ano da criação do “Projeto Arte-Febem”, posteriormente denominado “ExPressão”, que nasceu de forma simples e sem muitas pretensões a partir da iniciativa do quarto ano do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. O “Arte-Febem” foi pensado para ser um projeto de assistência a jovens infratores da Lei que cumprem medida socioeducativa de internação na Febem. Como é sabido, a instituição apresenta ausência de aplicação efetiva de um programa pedagógico, fundamental para a construção de novas possibilidades de atuação na sociedade. Caracteriza-se pelo confinamento. Além disso, os internos são submetidos a condições de superlotação, abandono e maus-tratos.

O projeto objetivou a criação de um espaço de reflexão que auxiliasse na ressignificação da perspectiva de vida dos adolescentes, para que eles pudessem se sentir protagonistas de uma história singular, situados tanto socialmente quanto historicamente. Os jovens seriam atendidos



◀ ▲ Adolescentes em sala de aula na Febem Tatuapé, São Paulo, maio de 2000

em grupo, possibilitando a convivência, a compreensão, a flexibilidade e a tolerância nas relações institucionais, assim como a consciência do próprio comportamento social e dos seus efeitos mútuos nas relações humanas. Seriam orientados na construção de um projeto de vida e teriam um lugar onde os aspectos da subjetividade pudessem emergir por meio da expressão artística, qualidade fundamental para a concretização da proposta. As atividades envolveriam oficinas de pintura, desenhos, colagens, trabalhos com argila, música, teatro, jogos lúdicos, dança e *workshops* com temas variados, realizados por profissionais capazes de levar

aos jovens novas possibilidades de atuação na sociedade.

### Projeto & Prática

A primeira Unidade Educacional a implantar o “Arte-Febem” foi a UE-18, localizada no antigo Complexo Imigrantes. No mês de maio de 1999, o diretor da Unidade foi contatado e aprovou a implantação do programa. Os jovens aptos a integrá-lo foram selecionados pessoalmente pelo diretor, nas Unidades de Acolhimento Provisório (UAPs), e distribuídos em quatro Casas de Progressão. Cada Casa de Progressão apresenta um estatuto interno de-

terminando a transferência do adolescente para uma Casa seguinte, em função do tempo de permanência e de seu comportamento. Durante um mês, cerca de vinte adolescentes, considerados infratores primários, participaram das atividades. No entanto, em junho, uma série de transferências decorrentes da superlotação das UAPs ocasionou uma drástica alteração no espaço físico e no cotidiano daqueles que estavam sendo atendidos. No mesmo período, a UE-18 mudou de direção e a soma desses acontecimentos gerou o cancelamento das atividades do projeto que estavam em andamento.

O antigo diretor da UE-18 foi deslocado para assumir o Complexo Tatuapé e sugeriu que o projeto fosse implantado na recém-inaugurada Unidade de Referência Terapêutica (URT), destinada ao atendimento de adolescentes considerados como não-adaptados às normas de convivência da instituição. Esses jovens caracterizavam-se, principalmente, pelo questionamento às regras e à realidade da Febem e também eram vistos como líderes das rebeliões. A URT foi criada segundo a proposta do confinamento absoluto de caráter punitivo. Ou seja, a ausência de toda e qualquer atividade pedagógica, inclusive escolar, o que de imediato contrariava o Artigo 124 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que substituiu o Código de Menores de 1979.

O ECA tem como pressuposto fundamental o reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, que apresentam condições especiais de pessoas em desenvolvimento e que merecem proteção integral. Os internos, no entanto, eram submetidos a um período de 23 horas diárias de reclusão em celas individuais, o que significava apenas uma hora por dia destinada ao não-encarceramento, que era preenchida com um banho de sol no pátio. De julho a dezembro de 1999, o projeto “Arte-Febem” integrou a URT. Esse período evidenciou alguns aspectos que faziam parte da complexa dinâmica da instituição, como as rebeliões que provocavam as transferências dos adolescentes, suas suspensões por tempo indeterminado do trabalho e as constantes alterações no quadro de funcionários, da equipe técnica e da direção, além de uma série de punições impostas aos internos que comumente se referiam à não-participação dos mesmos nas atividades do projeto. Havia também o boicote ao trabalho do “Arte-Febem” e imprevisíveis bloqueios na portaria do Complexo, que resultavam em atrasos com relação ao início dos grupos.

Apesar da configuração da URT, os adolescentes, apresentados como perigosos e reincidentes graves, levavam para as atividades coletivas temas como amor, dor, saudade, fa-

mília, dentre outros, demonstrando que neles coexistiam diferentes condutas e sentimentos. Durante os seis meses em que o Projeto foi mantido no Complexo Tatuapé, a relação estabelecida com os quarenta jovens assistidos baseou-se no respeito, na manutenção da dignidade humana e na valorização da auto-estima. Ao mesmo tempo, serviu de base para uma reflexão do sentido da implantação do projeto naquele contexto institucional que se fundamentava pela ausência de atividades e que manteve jovens encarcerados na Unidade de Referência Terapêutica por até três meses.

### ExPressão

No ano passado, o “Projeto Arte-Febem” passou a ser denominado “Projeto ExPressão”. Iniciou suas atividades, em fevereiro, no Internato Feminino Franco da Rocha, São Paulo, unidade-descentralização, vista como modelo e que apresentava condições adequadas de higiene e salubridade, além de escola interna, destinada às adolescentes que cursavam o Ensino Fundamental, na comunidade, e para aquelas que estavam no Ensino Médio, e passeios periódicos como atividades de lazer. Essas práticas representavam avanços no que diz respeito ao atendimento de jovens autoras de atos infracionais, apesar da existência de algumas limitações institucionais que significavam entraves na conduta da prática.

O Projeto foi implantado como atividade extracurricular, solicitada pela própria direção do internato, que soube do programa em um congresso sobre violência e políticas públicas, realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais. A previsão era de que o trabalho tivesse duração de um ano. Na época, aproximadamente 45 adolescentes autoras de atos infracionais graves foram assistidas e participaram de cursos profissionalizantes, como o de cabeleireiro, datilografia, marcenaria e tecelagem, além de atividades esportivas, tais como capoeira, futebol e vôlei. Todas essas iniciativas vieram da equipe do “Projeto ExPressão”. As adolescentes eram atendidas semanalmente em quatro grupos de dez meninas cada, durante 1 hora e 30 minutos. A participação não era obrigatória e os conteúdos discutidos, sigilosos.



Nessa Unidade, o “Projeto ExPressão” foi marcado por etapas. Num primeiro momento, chamado de “Fase de Vinculação e Levantamento de Demandas”, desenvolveu-se a interação das integrantes dos grupos entre si e com a coordenação. As atividades estipuladas valorizavam a percepção e a união do grupo. Em seguida, houve o aprofundamento dos temas e das questões levantadas e o surgimento de outras indagações. O que caracterizou o momento de vinculação foi a mudança de postura das internas diante de questões como confiança, valorização do espaço do grupo e envolvimento com os exercícios propostos, aspectos que favoreceram a ampliação das possibilidades de atuação. No que se refere ao levantamento de demandas, os temas abordados referiam-se a drogas, delitos, família, pro-

◀ Garoto em oficina de artesanato. Febem SP, 2000.

▼ Jovens em atividade esportiva. Febem SP, 2000.

jetos de vida, perdas, sofrimento e relações institucionais. Essa prática visava instrumentalizá-las e potencializá-las para que pudessem se reconhecer como sujeitos de direitos e deveres, protagonistas de uma história individual e também coletiva.

Ao longo de todo o processo, os avanços mais significativos se deram na forma de condução das relações institucionais e das extrainstitucionais. As jovens passaram também a se organizar e estabeleceram prioridades e estratégias de reivindicação, em relação ao cotidiano institucional, como forma de exercício da cidadania. Como resultado da dinâmica, as internas decidiram se reunir com o diretor da unidade para discutir algumas regras e alternativas para melhorar o atendimento. Para isso, criaram e fundamentaram uma proposta, pela qual se apropriavam de algumas responsabilidades dentro da estrutura do internato. Elaboraram, nesse mesmo período, um peça teatral que abordava o tema da infância em situação de risco no Brasil. Essas iniciativas significaram uma síntese de todo o pro-

cesso de trabalho desenvolvido a partir dos grupos e foram resultado de uma reflexão crítica sobre as determinações institucional e social, do reconhecimento do próprio papel enquanto agente social e da organização do grupo para o bem de todas. Por determinação da Febem, o Internato Feminino Franco da Rocha teve de disponibilizar seu equipamento ao atendimento de demandas consideradas mais urgentes e, em 19 de julho de 2000, a Unidade foi fechada, interrompendo as atividades do Projeto novamente. As adolescentes que pertenciam ao internato foram deslocadas para duas outras unidades: Taipas e Brás.

#### Momento atual

Hoje, o “Projeto ExPressão” se encontra parado devido à falta de financiamento e de parcerias. Muitas dificuldades foram encontradas nas unidades da Febem em que foi aplicado, desde a impossibilidade de se promover um planejamento cuidadoso devido às constantes alterações vividas na instituição até o fato de ser visto como um elemento ameaçador

para o cotidiano institucional. No que se refere a propostas voltadas para a Febem, o atual projeto do Governo Estadual, denominado de “Novo Olhar”, estipula que as unidades devem ser descentralizadas para possibilitar o atendimento de um número reduzido de adolescentes e efetivar um projeto pedagógico. Nessa proposta, o adolescente é, ou deve ser, entendido como sujeito que possui direitos e é protagonista da ação socioeducativa. Apesar das avançadas diretrizes do “Novo Olhar”, as efetivas mudanças que oferece são o oposto de suas próprias instruções: encarceramento dos internos, constantes rebeliões e os espancamentos e maus-tratos a que são submetidos os adolescentes. Isso mostra que a Febem nunca abandonou as práticas repressivas e está longe de adotar as condutas que fundamentam o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

} Letícia Souto Maior, Renata da Rocha Gentile e Tania Kiehl Lucci  
Idealizadoras e Coord. do Projeto ExPressão



# Manter o **VÍNCULO** com o **MUNDO** é estímulo na luta contra o câncer

**Criado em 1995, em Jundiaí, SP, o Grupo em Defesa da Criança com Câncer – Grendacc – utiliza a psicoterapia para manter os jovens atendidos em contato com o mundo e estimulá-los à descoberta de seus potenciais**



▲ Oficina de xadrez e sala de aula.

A incidência de câncer na infância é hoje, em todo o mundo, de aproximadamente 16 crianças com idade abaixo de 15 anos para cada 100 mil habitantes. No Brasil, não é possível estimar os casos de câncer como um todo, pois os dados disponíveis ainda não são representativos da população nacional. No entanto, estima-se que 7 mil novos casos atinjam crianças anualmente, colocando o câncer como a terceira causa de morte entre menores de 15 anos no país. Dentre os diagnósticos mais comuns, estão as leucemias, os tumores do sistema nervoso central, os linfomas, os sarcomas, os retinoblastomas, os neuroblastomas, os osteossarcomas e o tumor de Wilms, que têm 70% em média de chance de cura. Esses índices são consequência dos avanços da medicina na área de medicamentos, exames diagnósticos, genética e biologia molecular.

Já as doenças hematológicas crônicas não têm cura e muitas crianças precisam de acompanhamento médico, medicamentos e de outros profissionais durante toda a vida. As mais

comuns são: anemia falciforme, talassemia, esferocitose, hemofilia, púrpura crônica e aplasia de medula óssea. Apesar de menos freqüente que o câncer em adultos, a doença em crianças responde melhor aos tratamentos, tornando-se sensível a alguns deles, como a radioterapia e a quimioterapia. Isso reforça a idéia de que, quanto mais rápido for feito o diagnóstico e dado início ao tratamento, melhores serão os resultados atingidos. Com os avanços que tornaram possíveis a cura e o aumento da sobrevida das crianças submetidas a longos períodos de ingestão de medicação, novas preocupações começaram a surgir no sentido de preservar os direitos e a qualidade de vida dos pacientes que superaram a doença e daqueles que continuam lutando, já que muitas são as perdas impostas pela doença e pelos cuidados necessários.

Além do quadro clínico, a doença causa alterações de ordem psíquica que afetam diretamente a estabilidade emocional dos pacientes, externadas na forma, por exemplo, de



baixa auto-estima, depressão e alterações de comportamentos. É nesse sentido que a atuação da equipe interdisciplinar se torna importante. Há alguns anos, quando o diagnóstico significava morte iminente, a função do psicólogo era a de tentar minimizar o desconforto da criança, preparar a família para a morte inevitável e amparar os pais na elaboração da perda; hoje esse papel é ampliado em novas atuações, como o investimento na vivência escolar ou profissional, tendo o objetivo de man-

ter a criança em tratamento oncológico ou hematológico crônico em contato com o mundo que a cerca e estimulá-la à descoberta de seus potenciais.

#### **Proposta biopsicossocial**

Com esse objetivo, foi fundado, em 1995, na cidade de Jundiaí, localizada há 60 km de São Paulo, o Grupo em Defesa da Criança com Câncer – Grendacc –, uma entidade filantrópica, na modalidade de associação civil, sem fins lucra-

tivos. Desde o seu surgimento, a instituição visou oferecer os meios necessários para o tratamento oncológico e/ou hematológico crônico com a finalidade de não só promover a cura, quando possível, mas também de proporcionar a melhoria da qualidade de vida da criança doente e de seus familiares, por meio de várias atuações diretas ou indiretas. Um dos programas desenvolvidos foi denominado “Ex-Pacientes – Futuros Agentes”, pelo qual crianças e adolescentes, na faixa etária de 0 a 18 anos, são



▲ Crianças atendidas em atividade de lazer /Chácara em Jarinu, SP.

incentivados a freqüentar a escola e a ter contato com outros estudantes e professores; a aprimorar sua capacidade cognitiva e a se manter inseridos no contexto rotineiro de qualquer criança e adolescente. Atitudes que estimulam o fortalecimento da auto-estima e contribuem para que a criança e/ou o jovem tenham esperança e possam investir no futuro.

Outro objetivo do Grendacc é atender também às famílias dos pacientes. Levando em conta que a maioria delas são de classes sociais mais carentes, o atendimento envolve necessidades básicas e relacionadas com a cidadania, como, por exemplo, atualização de documentos e direitos do paciente, assim como orientação e encaminhamento profissionais com o objetivo de que elas possam atingir autonomia e melhores condições sociais, econômicas e emocionais. Para atender a toda essa demanda, o Grendacc conta com uma equipe interdisciplinar formada por psicólogos, nutricionista, assistente social, recreacionista, dentista, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e um corpo de voluntariado composto por 140 pessoas que atuam na recreação e no acompanhamento da criança e do jovem durante o atendimento ambulatorial, assim como na arrecadação de fundos para a manutenção da estrutura, já que a instituição apre-

senta como fonte provedora a população de Jundiaí e região e as doações que recebe espontaneamente. Os resultados positivos do trabalho desenvolvido podem ser verificados nos pacientes, que compreendem que a vida não pára durante o tratamento. Esse estímulo leva à participação efetiva, tanto dos pacientes quanto dos pais.

### Atividades fundamentais

Algumas iniciativas desenvolvidas pela instituição são fundamentais para que os objetivos propostos sejam alcançados. A vivência escolar é uma delas, o que significa uma relação normal criança-escola, com o máximo de freqüência e participação. No começo do ano letivo, intensifica-se o contato com as escolas para a programação do sistema de apoio ao aluno em tratamento, chamado de “Escola, um Laço Com a Vida”. O acompanhamento escolar é contínuo e é destinado tanto para pacientes que se encontram em tratamento quanto para aqueles que receberam alta. As crianças e os adolescentes recebem uma orientação pedagógica com aulas de reforço, jogos educativos, projeção de filmes infanto-juvenis, leituras, passeios, festas relacionadas a datas comemorativas e palestras com profissionais de diversas áreas.

Todo esse plano de apoio é desenvolvido junto do ambulatório, que funciona como um hospital-dia e é o local onde as crianças em tratamento são submetidas a consultas, exames, administração de medicamentos quimioterápicos e complementares. Algumas atividades promovidas fogem da rotina estressante do tratamento e possibilitam um melhor envolvimento e o estímulo à confiança entre pacientes e membros da equipe. Destacam-se os acampamentos, realizados durante dois dias em uma chácara com a presença de voluntários e profissionais, para adolescentes e os passeios de um dia para as crianças menores, atividades das mais esperadas pelos pacientes. No que se refere à orientação profissional, o Grendacc preocupa-se em encaminhar os pacientes para cursos, oferecidos como bolsa de estudos, e entrevistas de trabalho que estejam de acordo com seus interesses e com suas habilidades.

Os pais são informados quanto a melhor forma de elaboração de currículos, que são encaminhados para vagas oferecidas por jornais ou agências de empregos. Também são fornecidas orientações para o supletivo e para a alfabetização, o que favorece o envolvimento com a educação e o conhecimento pessoal. As crianças, cujas famílias apresentam dificuldades econô-

▼ Oficinas de pintura e máscaras do Grendacc, Jundiaí, SP.



micas, recebem um auxílio complementar que fornece, segundo as necessidades: cesta básica, auxílio transporte, vestuário, remédios e exames médicos. Como possibilidade de ganhos extras que possam incrementar o orçamento doméstico, aulas de culinária são ministradas e envolvem os pais e os pacientes em um programa que recebe o nome de “Grendacozinhando”, auxiliando no tratamento de forma educativa, na medida em que funciona como um incentivo ao desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis.

### Próximos passos

Para assistir as cerca de 134 crianças que são apoiadas diretamente pela instituição, o Grendacc dispõe de três casas alugadas onde funcionam o setor administrativo, a fisioterapia, a oficina de artesanato e um depósito; no segundo espaço a área de telemarketing, responsável por parte da arrecadação de doações; e no terceiro, a diretoria, a equipe interdisciplinar e o ambulatório, que atende semanalmente a uma média de 40 pacientes. Para poder ampliar a quantidade e a qualidade do atendimento que realiza, o Grendacc está construindo o Instituto de Clínicas Pediátricas Bolívar Risso, que será o primeiro hospital pediátrico de Jundiaí, especializado no tratamento de problemas oncológicos e hematológicos, mas que também atenderá a outras patologias infantis. O Bolívar Risso será um hospital sem fins lucrativos que atenderá tanto ao setor público quanto ao setor privado. Provavelmente, até o final do ano, a primeira fase do projeto já esteja concluída, o que possibilitará a ampliação do serviço médico clínico-ambulatorial e da equipe interdisciplinar.



Iracema Paiva da Costa  
Psicóloga, integrante da equipe interdisciplinar do Grendacc

FOTOS | ARQUIVO DO PROJETO



▲ Grendacozinhando, aulas de culinária envolvendo pais e pacientes / Jundiaí, SP.

**“Os resultados positivos do trabalho desenvolvido podem ser verificados nos pacientes, que compreendem que a vida não pára durante o tratamento. Esse estímulo leva à participação efetiva, tanto dos pacientes quanto dos pais.”**

### Equipe do Grendacc

Vânia Fernandes Piovesan, assistente social  
Rosângela Pereira Silva, recreacionista (psicopedagoga)  
Kátia Búvalo Franciosi, nutricionista  
Edna Dias de Pontes Silva, psicóloga

### Serviço

#### Grupo em Defesa da Criança com Câncer – Grendacc

Sede: Rua Voluntários da Pátria, 178 | Jardim Orquídeas  
cep 13209-310 | Jundiaí, SP | Fone/Fax: (11) 4522 7364  
Ambulatório e Administração: Rua Eduardo Tomanik, 193  
Chácara Urbana | cep 13200-400 | Jundiaí, SP  
Fone: (11) 4586 7787  
site: [www.grendacc.com.br](http://www.grendacc.com.br)

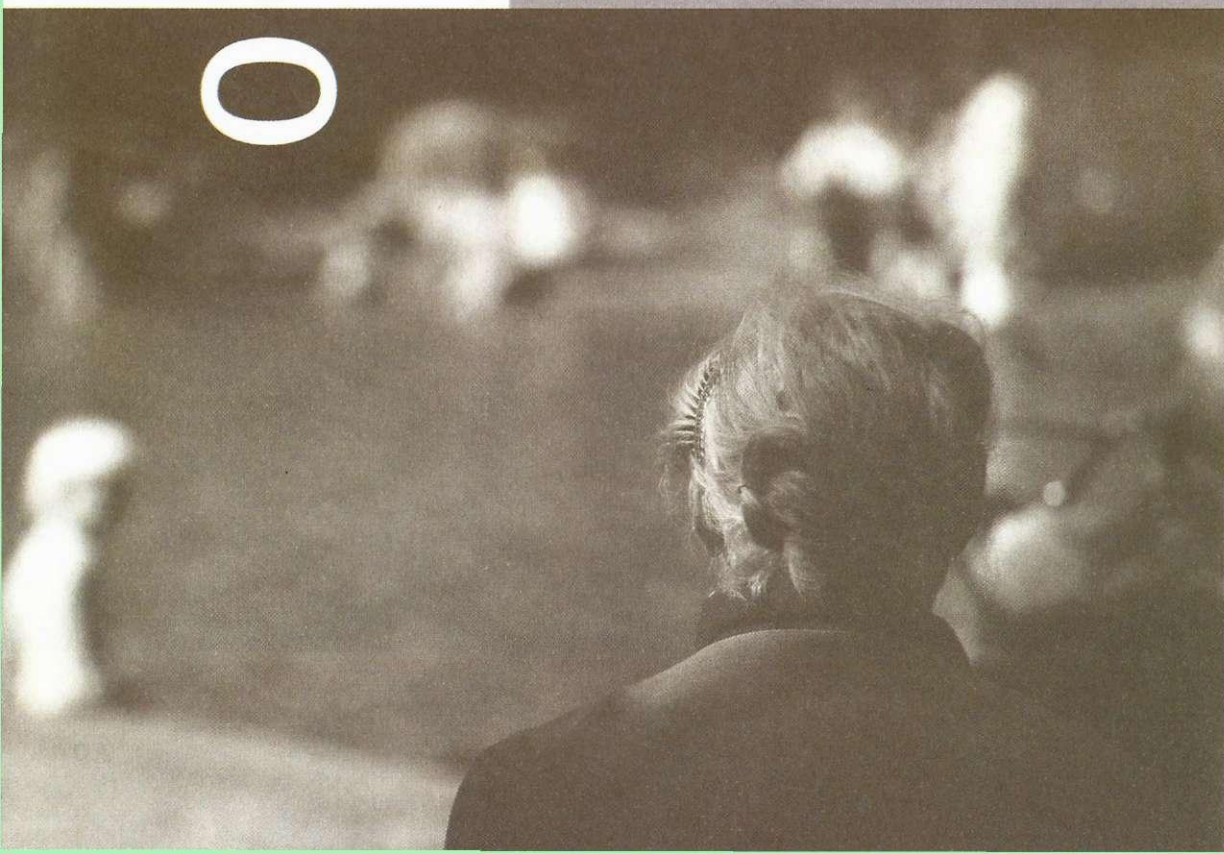
melhor idade {

O cidadão idoso

agente de sua própria **história**

**A experiência** do Centro de Atividades para Terceira Idade – Cativa –, criado em 1995 por um grupo de ex-alunos da Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos, reforça a idéia de que o trabalho com o segmento deve se basear em ações que contribuam para o exercício de uma cidadania plena

Cerca de 7,5% da população brasileira encontra-se na faixa dos 60 anos. A previsão é de que até 2005 esse segmento passe a ocupar 15% da pirâmide etária do Brasil. Esse número colocará o país na sexta posição, em população de idosos, do mundo. Mesmo com a comprovação das estatísticas, a resposta do setor público às grandes demandas sociais e sanitárias dessa seção populacional ainda é limitada, seja no campo da saúde física e mental, seja no da assistência social. A fração idosa, juntamente com outros setores sociais, sofre as conseqüências da má administração do dinheiro que predomina em diversos níveis das gestões públicas brasileiras nas questões sociais. Um exemplo disso é a crise da assistência social, que não consegue financiar a manutenção do sistema previdenciário aos contribuintes, cidadãos que durante trinta anos ou mais contribuíram, mensalmente, e hoje recebem pouco ou nada em benefício.



Mas a falta de atenção à porção anciã da população não é um problema recente: o Brasil não priorizou, ao longo de sua história, os direitos humanos; as constituições anteriores à de 1988 não privilegiaram, nem formalmente, o direito a uma velhice digna a todos os cidadãos. Foi somente após a Constituição Federal de 1988 que, pela primeira vez, foi explicada a proteção social aos idosos como dever do Estado e direito do cidadão. A única exceção à regra na história das iniciativas públicas de atenção ao idoso anterior a atual Constituição foi a criação da Casa dos Inválidos, em 1794, por determinação do Conde de Resende, fruto de sua sensibilidade em relação aos velhos vindos da guerra. Mesmo considerada um marco do humanismo aplicado à velhice no Brasil, a Casa dos Inválidos classificava o idoso como incapaz e já apontava uma característica marcante e peculiar em relação à condução das questões relativas aos mais velhos no país: eles são trata-

dos pela sensibilidade pessoal de alguns gestores, e não, efetivamente, considerados como assunto de políticas públicas com dotações orçamentárias próprias.

#### Atitude pioneira

A primeira instituição brasileira a desenvolver trabalhos com idosos de caráter não asilar foi o Serviço Social do Comércio – Sesc –, a partir de 1963. Por meio de reuniões com um pequeno grupo de aposentados, em uma das unidades de São Paulo, nasceu o “Projeto de Grupos de Convivência Para a Terceira Idade”, que se baseava no lazer sociorrecreativo como instrumento que permitiria ao idoso recuperar seu papel sociocultural e restabelecer contatos sociais. Em 1976, a unidade do Sesc de São José dos Campos passou a trabalhar com os grupos de convivência e marcou, na cidade, o início de uma longa caminhada no sentido de estabelecer projetos em nível público e pri-

vado que atendessem à parcela social de terceira idade, por meio de práticas ligadas a esporte adaptado, lazer, recreação, cultura e educação continuada. A Prefeitura Municipal também se mobilizou e estabeleceu, em 1980, uma comissão interdisciplinar com o objetivo de integrar ações para a melhoria da qualidade de atendimento dessa categoria.

Onze anos mais tarde, nasceu a idéia de implantação na cidade de São José dos Campos de um programa voltado à educação continuada de idosos. A Faculdade da Terceira Idade foi implantada na Universidade Valeparaibana de Ensino – Univap – em uma parceria com o Sesc, em 1991, com o objetivo geral de oferecer condições para a integração do idoso na sociedade, inserindo-o como um cidadão com potencial para contribuir socialmente. A finalidade específica do programa era possibilitar o acesso à educação continuada às pessoas acima de 55 anos, compensan-

do a falta de oportunidades de estudos em fases anteriores da vida. Em 1993, os trabalhos desenvolvidos na faculdade na área de psicogerontologia foram, em um primeiro momento, direcionados à unidade funcional corporalmente. A proposta era explorar o universo humano a partir de uma abordagem que levasse em consideração o corpo e suas expressões, com o objetivo de estimular o afeto, a alegria de viver, o interesse nas inter-relações, a confiança, a redescoberta da criatividade e o ressignificado da vida em um corpo já envelhecido. A idéia era trabalhar com dinâmicas de grupo e encontros reflexivos.

Nesse sentido, foram abordados alguns te-

tica significou para a vida pessoal de cada um. Por meio desses registros e também pela verbalização dos alunos, contactou-se que os objetivos propostos pelo trabalho foram atingidos e que se refletiam em ações concretas desenvolvidas no cotidiano desses indivíduos pelo estabelecimento de novos projetos de vida.

A experiência da Faculdade na terceira idade fez que, em 1995, um grupo de ex-alunos idealizasse a construção de um espaço destinado ao convívio, à qualidade de vida e à participação sociopolítica por meio do exercício da cidadania. Esse espaço recebeu o nome de Centro de Atividades para Terceira Idade – Ca-

rios a idealizar e desenvolver um livro com seus depoimentos de vida. A unidade do Cati-va, inicialmente implantada em um lugar cedido no Hospital Geriátrico Vicentina Aranha, foi reconhecida pela Prefeitura Municipal pelos trabalhos realizados e foi contemplada com um espaço alugado que hoje é a sua sede própria. O Centro é gerido a partir de uma diretoria colegiada e um conselho fiscal.

#### Últimos anos

Em 1996, foi regulamentada a Lei Federal 8.842, que dispôs sobre a Política Nacional do Idoso – PNI. A lei assegurou seus direitos sociais e criou condições para promover sua au-

**“Dar coisas é relativamente fácil. Dar com generosidade é dar-se. Quem dá apenas coisas materiais parece estar medindo com o braço a distância que o separa de quem recebe. É preciso acabar com esse hiato, transformando-nos, nós mesmos, em um presente: entregar ao outro a própria vida. É preciso dar o coração e a vida sem querer receber em troca. Isso é o que eu pensava; que não precisava receber em troca. Agora é que sinto a necessidade de receber também. Só assim todos sentem-se agraciados.”**

N.C., aluna da Faculdade da Terceira Idade da Universidade Valeparaibana de Ensino – Univap

mas, como afetividade, integração, família, sentimentos, e também desenvolvidos seminários, debates, sessões de vídeos e leitura de textos. Algumas das atividades utilizadas como facilitadoras do processo foram: exposição de trabalhos, apresentação de filmes, como “Tomates Verdes Fritos”, oficinas de criatividade e reflexões. Uma das experiências que mais mobilizou os alunos foi o I Seminário de Psicologia, que abordou o tema “Corpo Envelhecido: Sedução ou Repulsa?”. A avaliação dos trabalhos realizados pelo grupo de alunos da Faculdade da Terceira Idade, nesse período, foi registrada por meio da escrita, pela qual os idosos expressaram o que a prá-

tiva. Os trabalhos desenvolvidos no Centro incluíam muitas práticas que tratavam de questões emocionais, afetivas e também se preocupavam em evidenciar a importância e a urgência de que os idosos assumissem uma postura atuante nos aspectos político e social participativo. Além das vivências corporais e dos exercícios lúdicos, havia uma apreensão de que os grupos, por meio da vivência coletiva, tomassem consciência da importância da participação social solidária, do sentimento de pertencer à sociedade e de lutar pela melhoria da qualidade de vida na terceira idade.

O significado das atividades e das discussões estabelecidas no Centro levou os usuá-

ria, integração e participação efetiva na sociedade. Estabeleceu, ainda, o direito de o idoso disseminar educação sobre sua cidadania. Pela lei, as ações direcionadas a esse segmento passam a ser descentralizadas e desenvolvidas por intermédio dos órgãos setoriais nos estados e municípios, em parceria com as entidades não-governamentais. Além disso, são distribuídas por áreas de necessidades: promoção e assistência social, saúde, educação, trabalho e previdência social, habitação e urbanismo, justiça, cultura, esporte e lazer. Ainda no mesmo ano, foi criado o Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS – e o Fundo Municipal de Assistência Social – FMAS

– vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Social – SDS. O CMAS é composto por representantes da administração pública e da sociedade civil e representa a sociedade em diversos setores: portadores de deficiências, crianças e adolescentes, família e idosos, dentre outros. É no Conselho que são discutidos os encaminhamentos às diversas políticas públicas.

No ano seguinte, uma reunião no Paço Municipal marcou o início das discussões para a implementação de uma política municipal para o idoso são-joseense. A iniciativa da Secretaria de Desenvolvimento Social reuniu as instituições civis e públicas que trabalhavam com idosos para fazer um retrato desse setor na cidade. A partir dessa reunião, criou-se um Fórum Permanente e decidiu-se fortalecer os representantes desse segmento no Conselho Municipal de Assistência e organizar encontros relacionados à discussão de questões relativas à Política Nacional do Idoso, tendo em vista o intercâmbio entre as cidades da região do Vale para troca de informações e acompanhamento dos diversos projetos existentes na cidade, além da elaboração de um anteprojeto de lei para a instauração do Conselho Municipal do Idoso, que foi encaminhado à Prefeitura no ano passado.

Apesar de todos os passos dados em relação à fração anciã, existe ainda muito trabalho a ser feito. Por meio da construção de novas propostas e da execução de idéias é que será possível vislumbrar novas formas de atuar com os idosos e de auxiliá-los a ressignificar sua existência e a elaborar projetos de vida. Hoje, o grande desafio da terceira idade e dos profissionais que trabalham com ela é fazer com que a Lei Federal 8.842 saia do papel e se transforme em ações concretas. Para isso, segundo artigo da própria lei, é preciso que o idoso seja o agente de sua própria história e exerça a sua cidadania. Ou seja, participe com compromisso, envolvimento e por meio de ações pontuais. Pressuposto já enfatizado na própria Constituição Federal de 1988, artigo 204, pelo qual a população deve participar, por meio de organizações representativas, da formulação de políticas e do controle das ações governamentais em todos os níveis.

#### Um pouco de história

Pela Constituição de 1988, ficou definida a participação da sociedade civil no controle da gestão das políticas sociais e a criação dos conselhos de assistência social como política de direitos. Cinco anos mais tarde, a Lei Orgâ-

nica da Assistência Social – LOAS – foi regulamentada e estabeleceu, entre suas diretrizes, que as ações de assistência social fossem organizadas em sistema descentralizado e participativo. A LOAS também transfere a responsabilidade pela execução dos serviços, programas e projetos sociais para os municípios e define o campo da assistência social como de política pública e de direito de cidadania social, integrando a seguridade com a saúde e a previdência social, diferenciando-se das iniciativas morais de ajuda que não produzem direitos e não são julgadas reclamáveis. A concepção da assistência social como política pública não significa, no entanto, que a responsabilidade estatal pela sua condução deva se diluir. Ao contrário, o Estado tem de garantir a sua efetivação dentro dos parâmetros legais que a definem e permitir a incorporação da sociedade civil na formulação, implementação e gestão da política.

#### Mariangela Fraggionato dos Santos

Psicóloga, especialista em Gerontologia. Ex-professora de Psicologia na Faculdade da Terceira Idade da Univap e ex-coordenadora técnica do Cativa, na área de psicogerontologia. Atualmente desenvolve pesquisa na área da Gerontologia Social

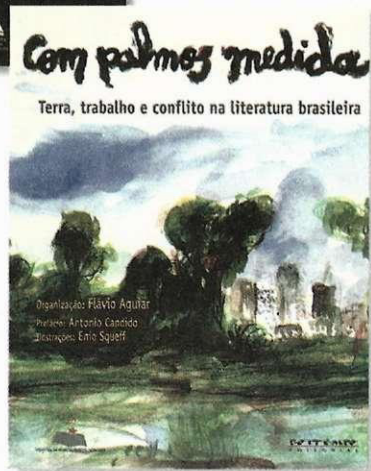
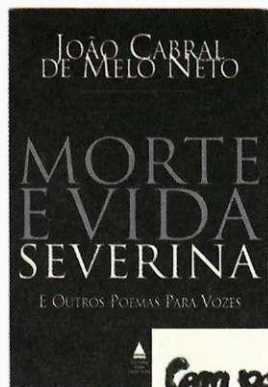


▲ Excursão na Faculdade de Agronomia de Taubaté e, no alto à dir., formatura da 5ª turma da Faculdade da Terceira Idade.

“... a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.”

Roland Barthes<sup>1</sup>

## Retratos literários brasileiros: a **EXCLUSÃO** como **DESFILIAÇÃO**



Que a literatura, ao recriar o mundo no universo da palavra, seja capaz de permitir-nos compreender melhor o nosso próprio mundo: essa é uma convicção partilhada pelos estudiosos e aficionados das letras. Mas também por aqueles que, sem deixar de desenvolver interesses específicos em um campo dado de conhecimentos, voltam-se para a literatura com o intuito de alimentar sua atividade espiritual, de encontrar nela a realidade. Uma realidade – a literária – capaz, em sua luta com as palavras, de entranhar um saber sobre os homens que, na dispersão do vivido e na concentração da ciência, se encontra freqüentemente esmaecido. Como diz Barthes, é “nos interstícios da ciência” que trabalha a literatura: “Está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...). A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos interessa<sup>2</sup>”. É em busca, assim, desse fulgor do real, apresentado no desenho sutil de um saber surpreendido nas entrelinhas das palavras e no jogo dos possíveis, que se dirige à literatura o homem de ciências.

Entendida como prática reiterada e insistentemente humana da escrita, a literatura encarna, em sua vocação de expressão do possível, do múltiplo e do diverso, uma salutar rebeldia: a de combater o poder, desviando seu foco incessantemente das forças massificantes da repetição e da autoridade. Engendra-se nela, em seu projeto infinito de encarnação e expressão de diversidades, uma potência eminentemente crítica e capaz de iluminar a nossa idéia da realidade. É fundamentalmente essa a convicção que permite a Italo Calvino afirmar sua confiança na força e no futuro da literatura, no cumprimento da tarefa que lhe é específica. “No universo infinito da literatura, sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou muito antigos, que podem mudar nossa imagem do mundo.”<sup>3</sup> Da diversidade, da precisão e da visibilidade implicadas no projeto literário, emana como que uma fundamental lucidez, verdadeiro contrapoder às visões homogeneizantes do mundo e ao crescente empobrecimento da língua e da capacidade de expressão dos homens.





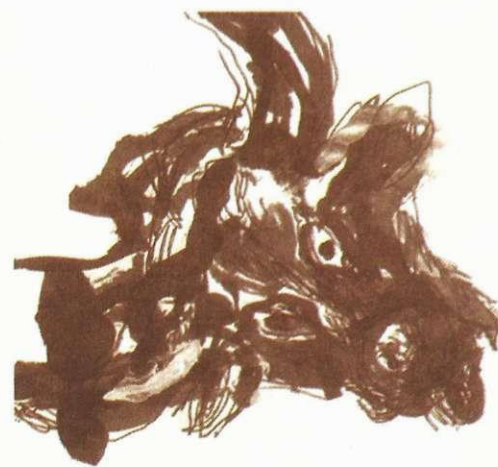
Não é outra a convicção que anima, que é a alma mesma de um projeto como o de Flávio Aguiar na organização da bela antologia com que, em 1999, contribuiu para a comemoração dos quinhentos anos do Brasil. Com prefácio de Antonio Candido e ilustrações de Ênio Squeff, o título “Com Palmos Medida – Terra, Trabalho e Conflito na Literatura Brasileira”<sup>4</sup> traz em si um magnífico trabalho de compilação e organização de textos que revelam, a partir do campo literário, múltiplos caracteres das formas de ocupação do solo brasileiro e dos conflitos dela resultantes. Percorrendo a história do Brasil pela trilha aberta pela literatura, até a década de 70 do século que acaba de se encerrar, a antologia mostra, nas palavras de seu organizador, que “vista de modo amplo, em suas lacunas e realizações, nossa literatura é de testemunho em favor dos aspectos positivos da civilização e de crítica contra a barbárie que o processo civilizatório ainda leva consigo”<sup>5</sup>. Uma literatura viva e fecunda capaz de nos pôr lucidamente diante de nossa história, uma história que criou, nos mais

variados matizes, processos de exclusão.

O eixo de elucidação sobre o qual Aguiar trabalha estabelece três grandes momentos da ocupação da terra brasileira, com seus conflitos característicos e com suas mútuas determinações: a conquista da terra pelos europeus, circunstâncias de formação da sociedade brasileira; a fixação, consolidação do sistema de propriedade, introduzindo como regime social de trabalho a escravidão; e a exclusão, como efeito do modelo de conquista e de fixação à terra e da inclusão forçada de nativos, escravos e posteriormente imigrantes no sistema produtivo, sistema que acabou por criar continuamente um contingente expressivo de “rejeitados, deserdados, expulsos, exilados, por assim dizer, em sua própria terra”. A convicção de Aguiar, confirmada pela densidade da coletânea, é a de que “os escritores brasileiros debruçaram-se longamente, em diferentes épocas, sobre os dramas sociais daí decorrentes, acompanhando-os até os lindes urbanos para onde contingentes de migrantes se dirigiam – enfrentando aí novos problemas

e adversidades e promovendo novos desafios à ordem das desigualdades que caracteriza a sociedade brasileira”<sup>6</sup>. Nossa literatura, exemplificada na amostra ampla e cuidadosa de escritores brasileiros, entre ficcionistas, cronistas, informantes e poetas, retrata – e nesses retratos ilumina – dramaticamente a realidade dos conflitos e das injustiças sociais gerados e promovidos ao longo de nossa história, em suas origens e em sua multiplicidade de manifestações.

É o que acentua Antonio Candido em seu prefácio. O retrato do Brasil, composto nesse livro a partir de poemas, contos curtos ou excertos de textos mais longos, retrato por certo arlequinal, feito de fragmentos e de diversidades, se não permite que se faça um comentário sintetizador, possibilita, ao exibir em diferentes tempos os modos diversos de “transformar a realidade em texto”, de transformar “fatos em significados”, afirmar com segurança que ali o leitor “encontrará a representação das facetas mais diversas que, aos poucos, revelam a história do esforço ingrato sobre a terra mal repartida do Brasil, gerando conflitos e pondo o homem contra o homem (...). Em torno desse núcleo crescem, como subprodutos inevitáveis, a guerra e a miséria, a espoliação, o fanatismo e a exclusão social”<sup>7</sup>. Torna-se, assim, um volume indispensável para que se tenha uma idéia da participação e do posicionamento de escritores brasileiros, desde os mais conhecidos até os demasiadamente esquecidos pela história, na



compreensão e na elucidação da problemática e dos mecanismos de produção da exclusão social.

O título da coletânea, “Com Palmos Medida”, como já se deve ter reconhecido, é extraído do poema de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”<sup>8</sup>, musicado por Chico Buarque, que, a partir de sua apresentação teatral pelo TUCA e de sua premiação no festival de Nancy, se tornou um símbolo vivo da denúncia da ingratidão da terra, em outra parte tida como colosso impávido e verdejante, que, aqui, expulsa de si com a morte e com agrura os seus homens anônimos. Um excerto do poema pontua a participação de João Cabral na antologia. Na breve apresentação feita por Aguiar do poeta e de sua obra, ele assinala que “neste poema e auto de Natal, a saga do migrante nordestino rumo à cidade adquiriu a dimensão alegórica de representar a história de todas as populações e sociedades empobrecidas do mundo inteiro, em

busca de um novo espaço para afirmar sua sofrida dignidade”<sup>9</sup>. A imagem da terra com palmos medida, terra que abriga os sete palmos da morte, mas não a vida, tem uma eloquência quase estridente: essa é a terra oferecida pela nação a seus anônimos. A retirada é o signo da resistência e dignidade destes. Assim, a terra expulsa, exclui.

Mas tratar-se-á propriamente de uma exclusão? De colocar para fora? Para fora de que lugar? É para dentro da terra, para o núcleo e para o fundo da morte, para os centros do sistema produtivo que os severinos se dirigem! Caberia falar numa exclusão para dentro? Recorro ao dicionário.<sup>10</sup> Os significados arrolados para excluir e exclusão envolvem, por um lado, a idéia de incompatibilidade, afastamento, desvio, expulsão, de pôr fora; por outro, figura-se também a idéia de abandono, recusa, omissão, privação e despojamento. É nesse segundo sentido que se pode falar em exclusão: como processo de privação de algo fundamental. Recordemos brevemente, entretanto, o canto universal do poeta. Quem sabe poderemos com isso elucidar o modo de expressão do que se tem chamado de exclusão, mas que representa um movimento centrípeto em direção à desumanização das cidades e ao âmago de seu sofrimento social.

O poema assinala, logo de início, a morte imemorial, encravada nas terras áridas, sob os pés de Severino. É desse circuito humano que ele se projeta, em retirada, em busca da defesa de uma vida. Da terra exangue, momento original de êxodo, foge o insurgido migrante e nos convida a conhecer o horizonte de seu percurso. Traz a morte na alma. “Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida /.../ morreremos de morte igual, / mesma morte severina /.../ iguais em tudo e na sina: / a de abrandar estas pedras /.../ a de tentar despertar / terra sempre mais extinta.” Dessa morte, desse esforço árduo de acordar a terra desalmada, Severino se retira. E por ter nome tão co-

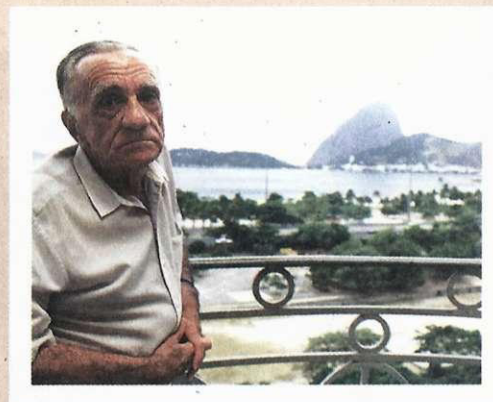


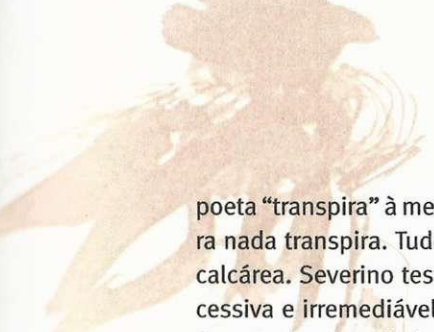
FOTO | AGENCIA ESTADO

mo, a nós se apresenta apenas como aquele que emigra. No agreste, na caatinga, na mata, dirigindo-se ao Recife, o retirante circula sua esperança esvaída, o tal resíduo, quem sabe renascido, da alma evaporada. Mas tudo o que se escancara, no percurso dessa sina, são outras tantas mortes anônimas, de esgotados tantos Severinos. “Desde que estou retirando / só a morte vejo ativa, / só a morte deparei / e às vezes até festiva; / só a morte tem encontrado / quem pensava encontrar a vida.” Cruzam-lhe o caminho os vários mortos sem nome, conduzidos sob a noite à morada da quietude. “O lençol dos mortos” a todos recobre com igual desdém, denunciando, em sua amplitude, a desimportância da vida que nesta terra encolhe. O ofício que nela se alastra, desesperados os esforços de escavar na pedra o sinal da vida, é aquele de cuidar dos mortos, encomendar-lhes as almas, seja com rezas, com cantos ou com enxadas. “Como aqui a morte é tanta /.../ só os roçados da morte / compensam aqui cultivar.” Nessa terra, enxugada dos suores da vida, só a morte se comemora.

Se os rios não interrompessem seu seguimento, confundindo os viajantes; se ainda restasse, no clima abrasante, algum líquido da vida; se houvesse sobrado uma gota que fosse dos fluidos que no corpo circulam, poderíamos dizer que todo o mundo percorrido pelo



FOTO | DIVULGAÇÃO / AE



poeta “transpira” à melancolia. Mas nessa terra nada transpira. Tudo se consome em seca calcárea. Severino testemunha, na morte sucessiva e irremediável, a insensatez da vida. A partir da cena originária em que a morte e a seca tudo recobrem, ele parte à procura de terras úmidas, no vão esforço de esperar. Mas tudo o que encontra, multiplicando-se à sua frente, é a mesma morte que carrega na alma. O desespero abrasador o conduz, na chegada ao ponto final de sua ladaíña, à escuta de seu destino, ouvido de voz desconhecida, no ofício das mortes desamparadas. “E chegando, aprendo que, / nessa viagem que eu fazia, / sem saber desde o Sertão, / meu próprio enterro eu seguia. / Só que devo ter chegado / adiantado de uns dias; / o enterro espera na porta; / o morto ainda está com vida. / A solução é apressar / a morte que se decida.” Na divisa entre a morte e a vida, testemunha de tamanha insignificância do ser, ele acolhe o projeto de morte.

Assim, o retrato que João Cabral nos faz ver é o de uma “melancolia” da terra e do povo, filiados que são a uma pátria-mãe pouco gentil; retrato de uma brasilidade desamparada. É sobretudo pelo desamparo mortífero que nos comove a saga de Severino, dos Severinos todos. É do amparo, oferecido pelo tecido social em suas múltiplas relações, que o retirante, tornado migrante, é privado. A exclusão pode ser vista, então, como um adentramento no tecido social, exatamente em seus pontos de esgarçamento. A esse processo Castel propõe que se chame, mais do que de exclusão, de desfiliação. Em seu entender, os chamados excluídos, em dada sociedade, “expressam um modo particular de dissociação do vínculo social”. Se o fenômeno pode ser visto em termos de falta e de privação, deveria ser visto também como um “efeito na conjunção de dois vetores: um eixo de integração/não-integração pelo trabalho; um eixo de inserção/não-inserção em uma sociabilidade sociofami-

liar”<sup>11</sup>. Isso, a seu ver, é desfiliação: perda dos laços que amparam e legitimam o sujeito na rede social. Laços que o ligam aos outros homens desde a filiação primária na linhagem familiar.

A desfiliação operária, assim, nos dois eixos assinalados: o do trabalho, manifestando-se pelo desamparo econômico-financeiro; e o da sociabilidade, expressando-se na perda ou no esgarçamento dos vínculos sociais significativos. O que procura Severino, retirante, que se apresenta a nós tentando esboçar sua linhagem familiar, mas reconhece que essa possibilidade perdeu-se na miséria, na fome e no abandono de tantas Marias e de tantos Zacarias, é renovar, refazer os laços que o vinculam à humanidade viva e que o poderiam retirar dessa pura errância por meio do desespero da morte. João Cabral, em seu poema, dá voz e expressão a essa dimensão subjetiva fundamental do problema da exclusão: o desamparo perante a ruptura dos vínculos de filiação social. Esse o sentido essencial da vizinhança da morte que tudo recobre. Tal é o poder da literatura: faz-nos ver a significação subjetiva que se impregna capilarmente nos fenômenos sociais.

Essa, aliás, como abordamos no início deste texto, é a propriedade da arte, do olhar do artista, tão fulgorantemente encarnado na obra dos escritores e poetas: a particularidade de dar forma expressa ao movimento da vida que não alcançou expressão. Vida tão anônima quanto verdadeira e dolorosa, vida que é de todos nós e a todos compete defender. “A arte não reproduz o visível; a arte torna visível”, disse Paul Klee. Assim, constatamos que a literatura, aqui singelamente representada pelo poema de João Cabral, é capaz de tornar dolorosamente perceptíveis os métodos pelos quais se engendra, nos processos de exclusão social, uma fundamental desfiliação simbólica, que representa a morte subjetiva, a impossibilidade essencial colocada à dignidade humana.

}

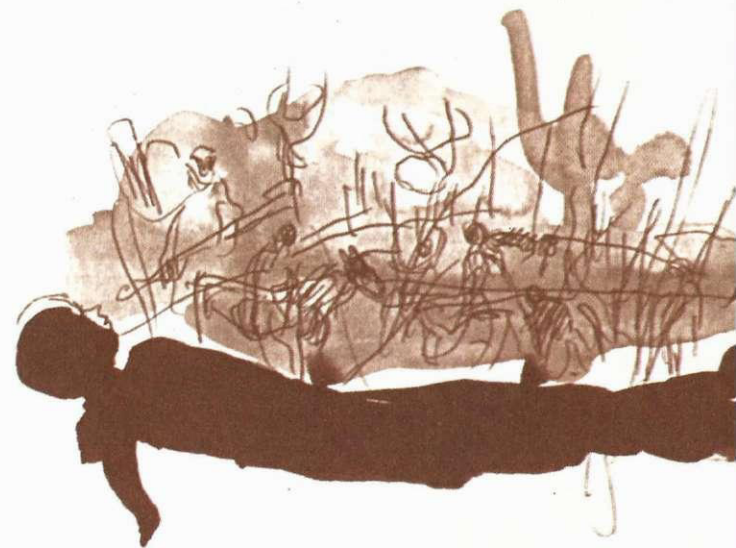
Camila Pedral Sampaio

Psicanalista em formação pela Soc. Bras. de Psicanálise de SP, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e profa. do Depto. de Psicologia Social da Fac. de Psicologia PUC-SP

## Notas

- 1 Barthes, Roland (1978). “Aula”. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 18.
- 2 Barthes, Roland. *op. cit.*, pp. 18/19.
- 3 Calvino, Italo (1988). “Seis propostas para o próximo milênio”. São Paulo, Cia. das Letras, 1997, pp. 19/20.
- 4 Aguiar, Flávio (org.) (1999). “Com palmos medida – Terra, trabalho e conflito na literatura brasileira”. São Paulo, Boitempo/ Fundação Perseu Abramo, 1999.
- 5 Aguiar, Flávio. ‘Introdução’ in Aguiar, Flávio (org.), *op. cit.*, p. 15.
- 6 *Ibidem*, p. 11.
- 7 Candido, Antonio. ‘Prefácio’ in Aguiar, Flávio, *op. cit.*, pp. 9/10.
- 8 Melo Neto, João Cabral de (1969). ‘Morte e vida severina’ in “Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta”. Rio de Janeiro, Ed. Sábá, 1969, pp. 73-116.
- 9 Aguiar, Flávio (org.). *op. cit.*, p. 274.
- 10 Buarque de Holanda, Aurélio. “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 739.
- 11 Castel, Robert (1991). ‘Da indigência à exclusão, a desfiliação – Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional’ in Lancetti, Antônio (dir.) “Saúde e doença 4”. São Paulo, HUCITEC, 1993, pp. 22/23.

Ilustrações de Ênio Squeeff, de “Com palmos medida”



artigo {

“O mais horrendo dos monstros  
Filho do susto e do desassossego  
A alma atravessada por uma sombra  
Eis com que me defronto”  
(Paulo Leminski<sup>1</sup>)

O nosso imaginário sobre manicômios é carregado de imagens de horror e sofrimento. Não são exatamente pessoas que lá habitam, mas sim seres estranhos de uma fábula esquecida ou saídos de uma fotografia desfocada. Um espelho quebrado em várias partes, para o qual temos medo de olhar. O filme “Bicho de Sete Cabeças”<sup>2</sup>, de Laís Bodansky, remete-nos a esse espelho ao relatar fatos reais na vida de um adolescente, envolvido numa forte, tensa e contraditória relação com seu pai, que por absoluta desinformação e falta de comunicação acaba internando o filho em hospitais psiquiátricos. Como preparador do elenco, fiz um trabalho de desconstrução daquela figura inicial, caricata e cristalizada pelo preconceito. Na construção de uma outra imagem, com os atores que interpretaram os internos dos manicômios, foi realizado um intenso trabalho de corpo e respiração privilegiando as sutilezas de movimentos, as pequenas variações rítmicas, os detalhes de tensão muscular, os olhares, os silêncios e os lamentos que viriam a compor cada personagem.

Dra. Nise da Silveira já falava nos inumeráveis estados do ser<sup>3</sup>. A loucura é um estado do ser que pressupõe uma percepção diferente de si e do mundo, regido por um tempo elástico que se distende ou se comprime em ondas do acaso, movido por fluxos de emoções que formam delicados e/ou áridos poemas. Os atores mergulharam nesse universo aparentemente desarticulado e ineficiente, com uma linguagem frágil, desconexa, fragmentada, onde a fala não está necessariamente sintonizada com o pensar, mas revela lógicas próprias, rituais expressivos, vocabulário e sintaxe originais. O imbricamento entre o ator e o personagem chegou a tal ponto que alguns espectadores identificaram as personagens dos manicômios como sendo pacientes reais de instituições. Uma das qualidades da interpretação dos atores talvez resida exatamente neste paradoxo: ao serem confundidos com pessoas reais, os intérpretes estão recebendo um elogio por seu desempenho.

O filme trata de uma realidade absolutamente contemporânea, experienciada ainda hoje nos manicômios brasileiros, mostrando a cruel e desumana situação em que

A linguagem do *inconsciente*  
e a arte contemporânea

vivem pacientes internados. Um verdadeiro depósito de pessoas, sujeitas a maus-tratos, descaso, hiper-medicação e choques elétricos. Escancara e traz à tona um assunto tabu, um tema sobre o qual a sociedade tem poucas informações e da qual se coloca cada vez mais distante. A tragédia do acaso em que se vê inserido o protagonista do filme nos faz pensar que isso não está tão longe de nós e que poderia acontecer a qualquer um. “Bicho de Sete Cabeças” leva-nos a uma ampla conscientização da situação da saúde mental no Brasil, permitindo que a sociedade reflita sobre suas decisões cotidianas e anônimas, além de outras de caráter social e político, de forma que essas possibilitem incluir a diferença e o diferente na sociedade, tornando-a mais múltipla, igualitária e fraterna.

### Uma outra realidade

A experiência com a Cia. Teatral Ueinz<sup>4</sup>, da qual sou diretor, formada por frequentadores do Instituto “A Casa”, hospital-dia de São Paulo, tem dado oportunidade para que o discurso de seus atores se fortaleça e ganhe uma outra escuta que não seja somente a clínica. Com uma trajetória de grande repercussão de mídia e público, incluindo apresentações no Festival de Teatro de Curitiba 2000, além da participação especial de alguns atores no filme “Bicho de Sete Cabeças”<sup>5</sup>, demonstra-se objetivamente a capacidade dessas pessoas de produzirem e interagirem na sociedade, além da inegável contribuição para o cenário artístico contemporâneo. Os ancestrais da Cia.

são os ritos tribais, as celebrações dionisíacas, os histriônicos menestréis, a comédia “dell’ Arte”, a modernidade do séc. XX: dadaísmo, surrealismo, *happenings*, *body-art*, *performance* e a *live art*, que sempre estiveram às voltas com o irracional, bebendo constantemente da fonte do inconsciente ou produzindo em estados alterados de consciência. A cena do inconsciente inclui a arte e a não-arte, o ator e o não-ator, a consciência crítica e a experiência trágica, a técnica e o improvisado, o tempo cronológico e o tempo mítico, a alegoria e o símbolo, Apolo e Dionísio, o consciente e o inconsciente.

} Sergio Penna

Diretor teatral e professor convidado de teatro contemporâneo do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP. Pesquisa a arte-limite de usuários de serviços de saúde mental. Fez a preparação de atores para o filme “Bicho de Sete Cabeças”.

### Notas

- 1 Paulo Leminski. “Metaformose”. Ed. Iluminuras, 1994.
- 2 O filme estréia nacionalmente em maio próximo, tem roteiro de Luiz Bolognesi e é inspirado no livro “Canto dos Malditos”, do escritor curitibano Austregésilo Carrano, hoje ativista do movimento de luta antimanicomial. O elenco conta com Rodrigo Santoro, Othon Bastos, Cássia Kiss, dentre outros. Ganhou 9 prêmios no último Festival de Cinema de Brasília, incluindo melhor filme (público e crítica), melhor direção, melhor ator (Rodrigo Santoro) e melhor ator coadjuvante (Gero Camilo).
- 3 A partir de citação de Antonin Artaud “o ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos”, a Dra. Nise da Silveira nomeia a exposição “Os Inumeráveis Estados do Ser”, composta por obras dos artistas do Museu de Imagens do Inconsciente – RJ,



FOTO | DIVULGAÇÃO

comemorando 40 anos de sua experiência em terapêutica ocupacional.

- 4 A Cia. existe profissionalmente desde 1996, dirigida por Sergio Penna e Renato Cohen, sob a coordenação terapêutica de Peter Pál Pelbart e Paula Francisqueti. Produziu os espetáculos “Ueinz – Viagem a Babel e Dédalus”, apresentados nos teatros Tuca, Oficina, Centro Cultural (SP). Este ano, estréia seu terceiro espetáculo.
- 5 Os atores da Cia. Ueinz participaram como convidados, interpretando personagens fora do ambiente manicomial, por uma opção explícita da direção e da preparação de elenco. Eles trouxeram todo o seu talento, espontaneidade e improvisado a várias cenas do filme, criando-se um diálogo cênico inusual e muito forte com os atores profissionais.

◀ ▲ ▼ À esq. e acima, respectivamente: Rodrigo Santoro e Cássia Kiss em “Bicho de Sete Cabeças”; abaixo: espetáculo “Dédalus” (à esq.) e integrantes da Cia. Teatral Ueinz (à dir.).



# Os doidos da minha terra

crônica }



## Os doidos que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

“Quanto maior a cidade, mais gente besta tem.” Essa era uma das frases preferidas do meu pai. Era chegado a dizer ditados ou frases anedóticas, o que para mim revelava um espírito bem humorado e de sabedoria. Meu pai tinha uma loja no mercado público. No final da tarde, a loja era um ponto para onde iam os violeiros, artesãos, ex-cangaceiros e os amigos da roça, de passagem pela cidade, para trocar um dedinho de prosa. Era onde, também, alguns doidos da cidade costumavam passar. Certa vez, estava ele na loja quando apareceu um conhecido seu, que era candidato a vereador. Meu pai sabia que ele estava ali para pedir voto e ficou desconversando, falando de outras coisas para não se comprometer com o candidato. Afinal, quando ele dizia que ia votar em alguém – coisa muito rara, diga-se de passagem –, realmente votava, mas preferia não declarar seu voto. No meio da conversa mole, conversa para boi dormir, apareceu um dos muitos doidos da minha cidade, o Tetê. Esse era um dos poucos doidos “agressivos” que tínhamos. Digo “tínhamos”, com certa propriedade, porque para nós juazeirenses os doidos que perambulavam pela cidade eram tratados como nossos, assim como os pardais e os pombos. Dávamos comida, roupas, às vezes algum serviço para fazer. Para nós – a gurizada – eram o motivo de nossas gozações e nossos medos infantis.

Voltemos ao ocorrido: a agressividade de Tetê era dirigida para alguns e também não era nada grave. Tetê cagava em um saco plástico e, conforme alguém lhe aporrinhasse o juízo, esvaziava o saco. E era bosta pra todos os lados... Ele costumava passar na loja do meu pai no final da tarde e sempre pedia esmola falando rápido: “Seu Pedro, cadê meu trocadinho? Cadê, cadê?”

Quando Tetê entrou na loja, o candidato rapidamente tirou um lenço e levou ao nariz. Tetê, que era doido, mas não era besta, percebeu o gesto e já preparou o saco. Meu pai, prevendo o gesto democrático de Tetê e que ia sobrar merda para todos, interveio, deu-lhe dinheiro e o mandou sair. O candidato, indignado com a ameaça que acabara de sofrer, já emendou a fazer campanha em prol de um hospício na cidade. Papai saiu com mais uma das suas frases: é melhor um doido solto na rua que em cima de um palanque. O candidato perguntou se meu pai estava se referindo a ele. Papai rapidamente explicou que ele se referia mesmo ao Tetê: “Ora

pois! Um doido na rua caga em alguns; um doido na Câmara caga na cidade inteira". O candidato saiu dali, nunca mais voltou e também não se elegeu.

O mercado onde meu pai tinha sua loja era o ponto de todos os nossos doidos. Quando terminavam as aulas, eu ia para a loja ajudar meu pai e, nas folgas, saía com algum amigo a campear doidos. Havia também, nos arredores do mercado, o Zecutivo, que andava sempre vestido com um paletó surrado menor que ele e uma pasta 007 ou pasta executivo, daí o apelido. Zecutivo era um motorista e, após ter sido demitido em seguida ao falecimento de um filho, enlouqueceu. Se dizia empresário, dono de um frota de ônibus que saía de Juazeiro direto para os Estados Unidos. Veja só: já era um empresário globalizado. Uma passagem engraçada do Zecutivo foi o dia em que ele contratou o Refesa – um outro cidadão doido, que se acreditava uma locomotiva da Rede Ferroviária Federal – para trabalhar com ele. Refesa foi contratado pra carregar a pasta “de executivo”. Foi uma festa no mercado. Refesa só andava em linha reta imitando um trem. Zecutivo vinha atrás, com um apito. Dois assobios do apito, Refesa virava para direita; três, para esquerda; um longo, parava. Vários códigos foram estabelecidos entre os dois doidos. Tudo transcorreu bem, durante vários dias, até que um feirante, querendo fazer um agrado a tão engraçada e louca empresa, deu de presente uma jaca para ser repartida. Zecutivo quis tratar o Refesa como um mero empregado e não como um sócio, dando-lhe apenas alguns bagos da deliciosa jaca. Irritado com tamanho despreço e injustiça trabalhista, Refesa virou o cão chupando manga (ou jaca) e partiu para cima do Zecutivo como uma locomotiva descontrolada. Deu-lhe uma sova tal que ele quase ficou bom da doideira. A sociedade quase acaba em tragédia, uma coisa de louco!

Tínhamos doidos para todos os gostos. Doido musical, como o Toca, que tirava música de uma caixa de fósforo ou de um pente; doido nobre, com o Príncipe Ribamar, que acreditava ser reconhecido em sua nobreza pela própria princesa Isabel; doido inventor, como o João Remexe o Bucho, grande criador de modelos variados de aviões de papel; doidos profetas, como o Profeta Cruzeta, que, carregando uma pequena cruz em suas preleções, se dizia enviado por Jesus Cristo e Padre Cícero. Havia também os doidos frutas ou alimentos, como o Macaúba e o Garapa. Esse último ficava brabo como um siri dentro de uma lata quando o chamávamos de Garapa. Pra quem não conhece, Garapa é o caldo da cana ou uma mistura feita de rapadura com água. Para não sermos pegos ou levar pedrada, desenvolvemos uma estratégia de aporrinhar o pobre Garapa em etapas. Um de nós ficava em uma esquina e outro, noutra, mais longe. Quando o Garapa passava, um gritava: “Rapadura!” E outro, do outro lado, respondia: “Água!”. Ele, já sabendo do que se tratava, gritava ensandecido: “Mistura, bando de filhos de uma puta, que é para eu lascar a cabeça de vocês”. Tínhamos de sair em uma desembestada carreira, de os pés baterem na bunda, para não sermos pegos.

Havia também os que se passavam por doidos pra comer mole, não pegar no pesado e viver das esmolos do caridosos romeiros. Um deles era o Tremelique. Esse era de causar dó, ao vê-lo passar tremendo e babando pelas ruas da cidade. Era mais um dos que passavam na loja de meu pai para receber um trocado. Só andava nas carreiras e de maneira como se não tivesse controle motor. Aconteceu, porém, que certa feita, em um domingo, eu e meu pai fomos a um bairro que ficava mais afastado, chamado Pirajá. Estávamos procurando um fabricante de selas e gibão de couro. Era um bairro de casas simples, com a molecada brincando nas ruas de terra e as





peças sentadas nas calçadas jogando conversa fora. Em uma das casinhas, havia uma roda de homens jogando dominó. Um deles, posudo com um cigarro no bico, tomando cajuína e segurando as setes pedras de dominó com a maior firmeza, era justamente o Tremelique. Meu pai chegou por trás, bateu no ombro dele e o chamou pelo apelido. Ele, de susto, deu um pulo que derrubou a mesinha de jogo. O homem gaguejava, fazia munganga, uma cara de pantim sem saber o que falar. Meu pai, sempre brincalhão, já foi dizendo: “Diga o nome do remédio ou do santo para quem você fez a promessa e lhe curou, cabra”. Tremelique, diante do flagra, recorreu ao Padrinho Cícero, como um bom juazeirense, para tamanho milagre. Disse que havia se curado naquele dia. Os companheiros de jogo riram de se esbaldar, exceto um, que já estava melado e era seu companheiro de falcaturas. Esse corroborou o milagre e na tentativa de ajudar o comparsa, enfeitando o milagre, complicou a situação do Tremelique. Afirmou que ele ainda não havia pago a promessa de subir a ladeira do horto de joelhos. Meu pai não perdeu a oportunidade e disse que queria ajudá-lo a pagar tal empreitada e que o levaria, imediatamente, para a ladeira do horto. Tremelique tratou que, no próximo domingo, iria ao horto. Padre Cícero poderia esperar um tiquinho e, caso meu pai quisesse, poderia esperá-lo lá na estátua para vê-lo pagar a promessa. Por vários meses, Tremelique sumiu do mercado. Na época de romaria ele reaparecia, mas quando via o meu pai se apurava milagrosamente e de longe papai gritava: “Olha a promessa, Tremelique. Padrinho Cícero está lhe esperando!”.

Na época das romarias apareciam mais doidos que o habitual. Tinha doido que também vinha pagar as suas loucas promessas ou aproveitava para receber a caridade dosromeiros e tirar a barriga da miséria. Um desses

loucos de safras, ou romarias, era o Profeta Cruzeta. Uma verdadeira figura glauberiana: barba longa, vestido com roupas franciscanas, gestos duros e olhos vidrados em rosto sertanejo. Agricultor sem terra, de tempos em tempos ele tinha surtos e ouvia vozes que o transformavam no Profeta e o impeliavam para a cidade, acompanhado de um punhado de filhos que o seguiam a pedido da mãe, como se fiéis discípulos fossem, cuidando do pai e arrecadando algumas esmolas, para tirar pelo menos algum benefício da desgraça. Acho às vezes que o Profeta Cruzeta não era necessariamente um homem enlouquecido, mas sim um homem deslocado no tempo. Se tivesse surgido um pouco mais atrás, talvez fosse considerado um verdadeiro profeta ou, nos tempos de hoje, com algum dinheiro e uma mídia qualquer, teria sua própria igreja. Vejo na televisão pessoas que me parecem mais loucas que o Profeta; a diferença é que estão bem vestidas e vendem “fórmulas” para exorcizar o capeta. Já o nosso Profeta dava de graça, em praça pública, a receita de como iria combater o satanás no dia do juízo final. Seria com dois pedacinhos de pau que, superpostos, faziam uma cruzeta: “Não era para ser um X, nem um T ou uma cruz, mas sim uma cruzeta, que serviria para amarrar o rabo do satanás, a barba dos amancebados, os vestidos curtos das depravadas, os chifres dos cornos da cidade e as batinas de muitos padres vadios, no dia do juízo final”. Talvez seja isso: o mercado de consumo dos nossos dias perdoa aqueles que vendem suas loucuras, e se esses globalizarem, então, sucesso absoluto. Já dizia meu pai: “Doido é aquele que come bosta e rasga dinheiro; afora isso, é alguém cheio de manias, abestalhado ou sistemático”. Para polemizar, eu perguntava a papai como ele conceituava criança. Afinal, às vezes algumas comem bosta e rasgam dinheiro. E ele me respondia: “É quase a mesma coisa; doido é um adulto que quer ser criança ou quer coisas de crianças. Criança destrói querendo construir; doido constrói o mundo do jeito que quer ou pre-



cisa, às vezes destruindo esse mundo que a gente acha que tá certo. Dinheiro pode ter valor pra mim, pra você e a bosta só é fedida pra quem não é o dono dela... Por isso, eu me dou bem com eles. Às vezes, prefiro os doidos a uns sabichões”. Fica o aprendizado: nesse mundo, não rasgue dinheiro e, de preferência, ganhe muito dinheiro, mesmo que seja comendo bosta... Aí você é uma pessoa normal.

Juazeiro tinha duas rádios. Na rádio Progresso, todos os dias às doze horas tinha a Crônica de Geraldo Barbosa. A voz de Geraldo Barbosa paralisava o mercado e, conforme o tema, deixava a cidade em comoção. Os nossos doidos por duas vezes viraram crônicas. Uma delas foi na morte do Príncipe Ribamar, quando Geraldo Barbosa relatou sobre o baú cheio de medalhas e cartas encontrado na pobre casinha do Príncipe Ribamar. Cartas de amor dirigidas à Princesa Isabel e a outros tantos nobres de países imaginários do mundo fantástico de Príncipe Ribamar. Essas narrações fizeram de nós todos participantes de um mundo de Cervantes. A outra crônica foi sobre o assassinato do cabo Naldo pelo doido Toca, intitulada “David e Golias”. Relatarei brevemente não a crônica (pois me falharia a memória), mas o fato, pois o presenciei. Toca, se o mundo lhe tivesse sido mais indulgente, teria sido um músico. Era risonho, dócil, chegado a tirar modinhas em caixa de fósforo ou em um pente ensebado. Era uma figura esquelética e sempre ria estrondosamente uma gargalhada prolongada. Ganhava dinheiro esmolando ou tocando uma musiquinha em troca de uma moeda, gargalhando seguidamente até ficar sem fôlego. Parecia um brinquedo da minha infância: a caixa de risada. Lembro-me de que costumávamos levá-la para a escola, apertávamos um botão e a caixinha ficava rindo interminavelmente, para cólera dos professores. Cabo Naldo era um homem grande, de olhar cruel e hábitos sádicos. Coitado de quem ca-

ísse em desgraça com ele, e para isso não precisava muito feito. Bastava ser pobre, louco, ladrão miúdo ou que ele cismasse com a cara do sujeito. De assuetudes violentas e afamadas era o Cabo Naldo; criava sempre um propósito para uma briga e para dar um tabefe na orelha do cidadão. Até então nenhum havia conseguido ficar de pé, daí a fama e o terror. Apenas por três autoridades tínhamos respeito ou somente delas tínhamos temor: o padre, o delegado e os coronéis/doutores, que eram a versão moderna dos coronéis. Do padre, temíamos o castigo divino; dos médicos/coronéis, a infelicidade de cair doentes nas mãos de um deles ou, porventura, deles víamos a necessitar; do delegado, o que havíamos de temer era o Cabo Naldo.

O acontecido foi em um sábado, dia de feira. O mercado estava cheio, havia chovido a noite toda e uma camada fina de lama sujava os pés e se pregava nas alpercatas. Cabo Naldo fazia sua ronda matinal, dando cascudo em moleque xepeiro, cumprimentando feirantes e chupando um cacho de pitombas. Eu tinha ido com meu pai comprar um quarto de bode e tomar um café da manhã na barraca de Cíça – caldo de mocotó com cuscuz –, que eu apreciava muito. Estávamos comprando o bode quando o cenário se armou para a tragédia. Chegou Aluizo carreteiro, com um balaio de serigüelas na cabeça; Cabo Naldo estava na barraca vizinha à nossa e ouvimos Toca chegar, todo concho. Ele sempre se anunciava pela música ou pela gaitada frouxa. Por um descuido, Aluizo pisou no pé de Cabo Naldo, sujando-o de lama. Era só o que ele estava querendo para arrumar um cu-de-boi e humilhar mais um. Cabo Naldo já saltou de lado, arrotando valentia: “Arre, seu frechado. Você é cego? Vou fazer você engolir esse balaio de serigüelas pra ficar peidando caroço por um ano”. Toca, que também tinha presenciado a cena, soltou uma gaitada estrondosa que parecia que ia se acabar em riso. A ira do Cabo só aumentou e mudou de direção. Havia um mais fraco para ele demonstrar a sua

força bruta. Toca segurava um saco de pano que ele sempre usava para pedir esmolas. “Seu fumega; é você que quer levar um tabefe no comedor de lavagem e parar com essa gaitada idiota?” Toca não se apercebia das ameaças e, quanto mais o Cabo vociferava impropérios, mais ele gargalhava. Tudo era muito engraçado para ele. A mão do Cabo Naldo desceu pesada e cruel em um tapa certo. Toca girou duas vezes, saiu piscando, parecia que ia esparramar-se, mas se manteve de pé. Um silêncio se fez. Os olhos estavam cheios de lágrimas, ele tinha a expressão de uma criança. Cabo Naldo, espantado com o feito, preparou-se para dar-lhe outro bofetão quando Toca girou o saco que tinha na mão como se fosse uma funda e acertou em cheio a testa do valentão. Ele caiu tremendo como um carneiro ao levar uma marretada: tinha um osso de corredor de boi encravado no meio da testa. Gemeu e morreu no meio da lama. Apareceram dois outros soldados para prender Toca, mas três açougueiros armados com suas peixeiras impediram. Eu tremia de medo, nunca tinha visto um homem morrer daquele jeito. Toca se aproximou do corpo do Cabo, pegou seu saco e falou: “Não tinha pra que bater no Toca”, e gargalhou. Todos ao redor deram um riso penalizado e aliviado. Para alguns ali do mercado Toca tornara-se um herói vingador. A história mexeu com a cidade, mas Toca ficou em liberdade e nunca mais agrediu ninguém. Essas histórias todas me vieram à memória ao sair um dia do Metrô, onde presenciei dois policiais agredindo um pobre homem, com nítidos traços de deficiência mental. Ninguém se compadeceu dele, os olhares eram indiferentes, fugidios. Os meus doidos me assaltaram a memória e pensei: os doidos que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá.

} João Bosco Alves de Sousa  
Psicólogo e escritor



poesia {

## Expressionista

papoulas brancas  
em poças de água  
galochas pretas  
o chão punindo  
calçada triste  
sem pés mais leves  
galochas pretas  
o chão punindo

} Maria Haydee Sorensen, usuária do CAPS/Itapeva e membro da Associação Franco Basaglia, São Paulo, SP,  
1ª colocada no 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, modalidade poesia, realizado em 2000.

## Esquecer

conheci todos os rostos  
todos  
perdidos entre esteiras e tocos de cigarros  
rostos amassados por noites maldormidas  
rostos de coleira presos a cães brabos  
rostos com a imprescindível testa  
e olhos de carvão molhado  
sim, eu os conheci  
mesmo os separados dos respectivos troncos  
com névoa congelada nas pestanas  
– ao invés de dentes  
balas de metralhadora  
cuspindo o sol por sobre as flores  
sim, eu os conheci  
rostos de penumbra tanta  
orelhas quentes abanando  
temendo os homens e os gatos  
poços de fábulas e mitos  
procurando, sempre e sempre  
o nexo  
e a verdade a mais exata  
talvez, quem sabe, um dia esquecer-los  
talvez, quem sabe, um dia entendê-los  
rostos escuros enterrados no quintal  
dos fundos



## ENDEREÇOS CRP SP

### **Subsede Assis e Região**

Rua Osvaldo Cruz, 47  
cep 19800 000, Assis, SP  
tel (18) 322 6224, 322 3932  
email assis@crpsp.org.br

### **Subsede Bauru e Região**

Rua Albino Tâmbara, 5-28  
Vila Cid. Universitária  
cep 17044 230, Bauru, SP  
tel (14) 223 3147, 223 6020  
email bauru@crpsp.org.br

### **Subsede Campinas e Região**

Rua Frei Manoel da Ressurreição, 1251  
Bairro Guanabara  
cep 13073 021, Campinas, SP  
tel (19) 3243 7877, 3241 8516  
email campinas@crpsp.org.br

### **Subsede Grande ABC**

Rua Luiz Pinto Fláquer, 523  
Sala 61, 6º andar, Centro  
cep 09010 090, Sto. André, SP  
tel (11) 4436 4000  
email crpsta@zaz.com.br

### **Subsede Ribeirão Preto e Região**

Rua Thomaz Nogueira Gaia, 168  
cep 14020 290, Ribeirão Preto, SP  
tel (16) 620 1377  
email ribeirão@crpsp.org.br

### **Subsede Santos e Região**

Rua Martin Francisco, 225  
Bairro Encruzilhada  
cep 11015 480, Santos, SP  
tel (13) 3235 2324, 3235 2441  
email crpsto@zaz.com.br

### **Subsede S. J. do Rio Preto e Região**

Rua Coronel Spínola de Castro, 3360  
2º andar, Bl. B; Edif. Firenze, Centro  
cep 15015 500, S. J. do Rio Preto, SP  
tel (17) 235 2883, 235 5047  
email crpsjrp@zaz.com.br

### **Subsede Vale do Paraíba/Lit. Norte**

Rua Nancy Guisard, 25, Centro  
cep 12030 070, Taubaté, SP  
tel (12) 3631 1315  
email taubate@crpsp.org.br

# O futuro do Brasil



# não merece cadeia

## Diga não à redução da idade penal.

Tamanho e documento



10 ANOS DO ECA  
estatuto da criança e  
do adolescente



Conselho Regional  
de Psicologia SP